

Guia de elaboração de materiais didáticos para uso na educação a distância

Subsídios pedagógicos e orientações gerais
em uma abordagem construtivo-colaborativa



Ficha Técnica

Diretora-Geral da Enfam

Ministra Maria Thereza de Assis Moura

Vice-Diretor da Enfam

Ministro Og Fernandes

Secretário-Geral

Juiz Carl Olav Smith

Presidente da Comissão de Desenvolvimento Científico e Pedagógico

Desembargador Eladio Lecey

Secretária Executiva

Alessandra Cristina de Jesus Teixeira

Coordenação e Orientação Pedagógica do Curso e Material

Coordenadoria de Planejamento e Avaliação de Ações Pedagógicas

Marizete da Silva Oliveira – Pedagoga/Enfam

Planejamento do Curso

Seção de Planejamento e Avaliação Educacional

Maria Eveline Pinheiro Villar de Queiroz – Pedagoga/Enfam

Organização do Material Didático

Prof. Dr. José Vieira de Sousa

Revisão

Luciana Pereira de Arruda Silva (Enfam)

Luciana Silva Cantanhede Lobo (Enfam)

Capa

Leonel Ferreira Laterza (Enfam)

Ilustrações e Diagramação

Allan Mendes de Jesus (Enfam)

Impressão e Reprodução

Reprografia do Superior Tribunal de Justiça

Professor e autor dos conteúdos didáticos

Dr. José Vieira de Sousa

1ª Edição

77 pg.

ISBN: 978-85-7248-192-2

Este material é de domínio e uso da Enfam e do autor. Fica proibida a reprodução total ou parcial, por qualquer meio ou processo, assim como a inclusão em qualquer sistema de processamento de dados, sem a prévia autorização dos proprietários/autores. Às demais escolas judiciais é concedido o direito de uso, sem fins lucrativos, nos cursos de formação de formadores. São proibidas alterações dos conteúdos sem a prévia autorização do autor. A violação do direito autoral é crime punido com prisão e multa (art. 184 do Código Penal), sem prejuízo da busca e apreensão do material e indenizações patrimoniais e morais cabíveis (arts. de 101 a 110 da Lei n. 9.610/1998 – Lei dos Direitos Autorais).

<i>Apresentação</i>	2
<i>Unidade I: Principais teorias da aprendizagem: pressupostos e implicações para a Educação a Distância</i>	4
1. Educação como prática social e o homem como sujeito cultural	5
2. Elementos estruturantes das principais teorias da aprendizagem.	7
3. Teorias da aprendizagem e desenvolvimento humano: noções básicas	9
4. Relação aprendizagem e desenvolvimento humano: uma síntese	13
<i>Unidade II : Educação a distância: fundamentos, características e usos</i>	15
1. Conceito e natureza da educação a distância	16
2. Fundamentos legais, didáticos e pedagógicos da EaD	19
3. Gerações da EaD: o tempo não para!	22
<i>Unidade III: Aspectos pedagógicos a serem considerados na produção de material didático para a educação a distância</i>	26
1. Especificidade das mídias textuais para uso na educação a distância	27
2. Definição de material didático e sua inserção na EaD	30
3. Funções do material didático na EaD: texto-base e texto de apoio	32
4. Princípios e cuidados básicos para elaboração de material escrito para EaD.	36
<i>Unidade IV: Recomendações para a elaboração do material didático para Educação a Distância</i>	43
1. Elementos pré-textuais	44
2. Elementos textuais.	45
3. Elementos pós-textuais	59
<i>Unidade V: Avaliação na educação a distância</i>	63
1. Sentido e funções da avaliação	63
2. Avaliação e educação a distância: que relação é essa?	65
3. Possibilidades de avaliação da aprendizagem na EaD	67
<i>Considerações Finais</i>	70
<i>Referências</i>	72

"Meio importante de interação entre o professor e o aluno, pois é uma forma de orientar o aluno em um oceano de possibilidades. Por isso, o material didático precisa: ser de ótima qualidade; ter apresentação impecável; revelar a metodologia implícita no processo de elaboração; dar conta dos temas abordados de modo claro; trazer um roteiro rico em possibilidades de leituras, pesquisas e atividades; além de estimular o aluno a ter o prazer de voltar para ali – ou seja, deve seduzi-lo."

Elizabeth Rondelli

"Ao produzir e desenvolver materiais para EaD deve-se levar em consideração que o material didático necessita ser de fácil interpretação, com linguagem adequada ao público que pretende atender, não podendo ser "fechado", ou seja, considerado como pronto e acabado, e sim passível de adaptações e atualizações [...] que auxiliem o aluno a continuar sua pesquisa e seu aprendizado de forma autônoma."

Michele Antunes Corrêa

APRESENTAÇÃO

Caro(a) cursista,

Seja muito bem-vindo(a) ao estudo deste **Guia de Elaboração de Materiais Didáticos para uso na Educação a Distância**, idealizado pela Enfam em uma perspectiva construtivo-colaborativa do processo ensino-aprendizagem.

O objetivo do documento é oportunizar a apropriação de subsídios pedagógicos para a elaboração de material didático a ser usado na educação a distância (EaD), na perspectiva de promover o alinhamento da elaboração desses materiais às peculiaridades dessa modalidade. Ele é destinado aos profissionais envolvidos no processo de produção de material didático para as ações formativas desenvolvidas pela Enfam para EaD.

No fim deste estudo, esperamos que você demonstre a apropriação de elementos teóricos e práticos de base que subsidiem a produção e seleção desse tipo de material, considerando os princípios e as especificidades da educação a distância.

A abordagem construtivo-colaborativa do processo ensino-aprendizagem reconhece que os indivíduos são possuidores de determinados saberes decorrentes de sua experiência pessoal e profissional, os quais precisam ser levados em conta na relação pedagógica. Na EaD, esse princípio é fundamental na interação a ser estabelecida entre o material didático e o aluno.

Em seu conjunto, as discussões e orientações apresentadas neste Guia procuram articular a dimensão teórico-metodológica da educação a distância com exemplos práticos, visando ilustrar os princípios norteadores da produção do material didático em questão.

É importante que, ao estudar os conteúdos abordados em cada uma das cinco unidades

que compõem o Guia, você procure relacioná-los com sua experiência pessoal e profissional.

Acreditando na importância e na possibilidade de fazermos educação a distância – apesar das distâncias – convidamos você a uma leitura atenta do presente Guia.

Está animado(a) para iniciar os estudos sobre conhecimentos didáticos e pedagógicos – e que poderão ajudá-lo a aprimorar sua atuação como elaborador de materiais didáticos para uso na educação a distância?

Vamos em frente! Boas reflexões!

UNIDADE I

PRINCIPAIS TEORIAS DA APRENDIZAGEM: PRESSUPOSTOS E IMPLICAÇÕES PARA A EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA

Abrindo nosso diálogo

Nesta primeira Unidade temos como objetivo fornecer subsídios teóricos para que, no fim do seu estudo, você seja capaz de explicar o processo da aprendizagem sob diferentes referenciais teóricos. A discussão desse tema o ajudará a perceber que há diferentes teorias para explicar as formas pelas quais os indivíduos aprendem e que na educação a distância (EaD) – tema que abordaremos nas demais unidades deste Guia – isso acontece levando em conta determinadas especificidades dessa modalidade educacional.

Para você, que trabalhará diretamente com a produção de material didático para EaD e, portanto, contribuirá para a formação continuada de outras pessoas, é muito importante conhecer os fundamentos das principais teorias da aprendizagem. A apropriação desses fundamentos poderá ajudar, inclusive, no reconhecimento deles em situações concretas de sua vida pessoal e profissional.

Além disso, ajudará você a perceber quais dessas teorias apresentam subsídios mais sintonizados com a necessária interação que o material didático deve promover com o aluno na educação a distância.

Para tanto, a Unidade está estruturada nas seguintes seções:

- Educação como prática social e o homem como sujeito cultural;
- Elementos estruturantes das principais teorias da aprendizagem;

- Teorias da aprendizagem e desenvolvimento humano: noções básicas; e
- Relação aprendizagem e desenvolvimento humano: uma síntese.

É importante que ao estudar os temas abordados nessas três seções você procure relacioná-los com sua experiência pessoal e profissional, considerando o material didático que tem produzido – ou produzirá – para ações de formação continuada.

Vamos ao trabalho?

1. Educação como prática social e o homem como sujeito cultural

Caro(a) cursista, toda situação de formação dos indivíduos desenvolvida na educação a distância ou presencial está inserida em um processo mais amplo – o educacional.

Como prática social vivenciada pelos homens de todos os tempos, a educação corresponde a um processo complexo, que se desenvolve nas esferas individual e coletiva do sujeito. Seu alcance e sua natureza explicam por que ela é influenciada por fatores diversos – políticos, sociais, legais, econômicos, culturais, demográficos, climáticos etc. –, bem como demandam sua compreensão no contexto mais abrangente que a determina. Na educação convivem aquilo que já existe e o que vai sendo criado pelos indivíduos, pois as transformações ocorrem, mas não invalidam tudo o que as antecede. Trata-se de um fenômeno dialético que, ao mesmo tempo, reproduz e transforma o mundo e os indivíduos que o constituem.

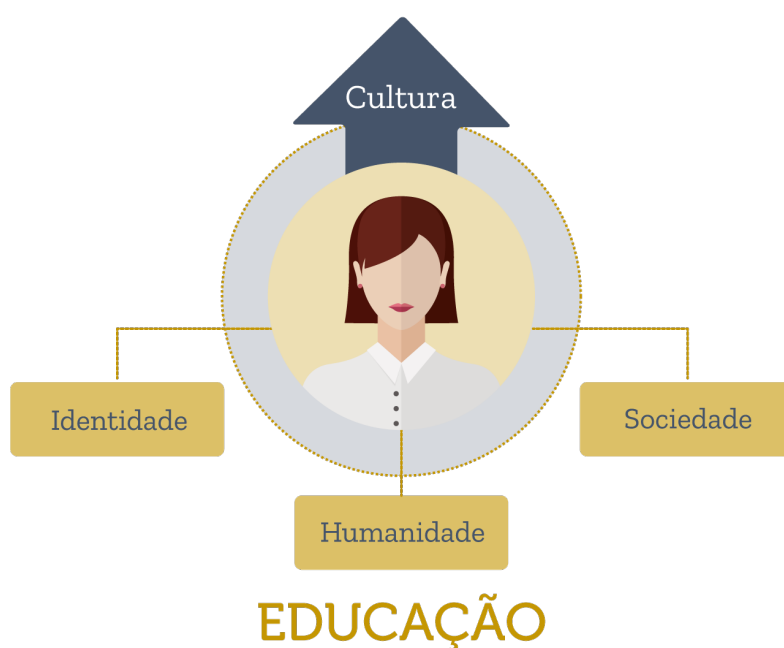
Vejamos na citação a seguir uma definição bastante interessante de educação.

É o processo por meio do qual um membro da espécie humana, inacabado, desprovido dos instintos e das capacidades que lhe permitiriam sobreviver rapidamente se apropria, graças à mediação dos adultos, de um patrimônio humano de saberes, práticas, formas subjetivas, obras. Essa apropriação lhe permite tornar-se, ao mesmo tempo e no mesmo movimento, um ser humano – membro de uma sociedade e de uma comunidade –, e um

indivíduo singular – absolutamente original. A educação é, assim, um triplo processo de humanização, de socialização e de singularização. Esse triplo processo é possível apenas mediante a apropriação de um patrimônio humano. Isso quer dizer que educação é cultura, em três sentidos que não podem ser dissociados. (CHARLOT, 2007. p.37)

Com a expressão da vida dos indivíduos, a educação revela práticas culturais que contribuem para criar significados para cada grupo que as produz, bem como para gerar uma permanente interação entre ambas – o que faz com que não seja possível dissociá-las.

Figura 1 – Relacionamentos entre o processo de educação e expressão da cultura



A educação permite ao indivíduo apropriar-se dos códigos simbólicos de determinada cultura, bem como da capacidade de compreendê-los e usá-los em suas relações sociais. Assim, ela funciona como veículo de reprodução da herança cultural de um povo, embora permita também a atualização da própria cultura, por meio das práticas cotidianas dos sujeitos.

Diante disso, o homem caracteriza-se como um ser que possui “educabilidade”, entendida

como a capacidade de se educar, no contexto das práticas culturais das quais participa. Desse ponto de vista, somos humanos porque temos a capacidade de criar práticas culturais – atribuindo-lhes sentido –, sendo fundamentais os processos educativos dos quais participamos.

Construída nas interações entre os humanos, a educação é um processo inconcluso – inicia-se com o nosso nascimento, acompanha-nos ao longo da vida e não acaba nem na fase adulta nem na velhice dos indivíduos. É nesse sentido que o educador brasileiro Paulo Freire (1921-1997) afirma: “ninguém educa ninguém, como tampouco ninguém se educa a si mesmo: os homens se educam em comunhão, mediatizados pelo mundo” (FREIRE, 2006. p.79).

Veja como essa ideia é de grande importância para o trabalho formativo desenvolvido por você, como elaborador de material didático para uso nos cursos de educação a distância ofertados pela Enfam! Afinal, o público atendido por essa Escola é formado por indivíduos que possuem uma experiência que merece – e deve – ser compartilhada com o coletivo e que pode ocorrer na própria produção desse material. Nesse contexto, a EaD configura-se como uma estratégia fundamental, oportunizando processos aprendizagem e trocas entre os indivíduos. Como os indivíduos aprendem? Você já se perguntou sobre isso?

2. Elementos estruturantes das principais teorias da aprendizagem

Historicamente, as teorias que tratam da aprendizagem possuem fundamentos bastante distintos. Em suas raízes estão importantes e inquietantes questões que preocupam os estudiosos do tema, destacando-se a seguinte:

Devido à abrangência e complexidade dessa e de outras questões que têm como foco o processo de aprendizagem, diversas teorias têm sido construídas buscando respondê-las.

Examine no quadro a seguir os elementos estruturantes das três grandes vertentes em torno das quais se agrupam as várias teorias que procuram explicar como o ser humano aprende – empirismo, inatismo e construtivismo.

Quadro 1 – Elementos estruturantes das principais teorias da aprendizagem



Quadro elaborado com base em Sousa (2017).

3. Teorias da aprendizagem e desenvolvimento humano: noções básicas

Para você, que trabalha – ou trabalhará – com a produção de materiais didáticos impressos para a educação a distância, é muito importante conhecer os fundamentos das principais teorias da aprendizagem. Esse conhecimento pode ajudar no reconhecimento deles em situações concretas do processo formativo dos indivíduos e, portanto, a pensar na própria produção desse material, considerando as características do aprendiz adulto.

Vejam, então, a seguir, quais são esses fundamentos:

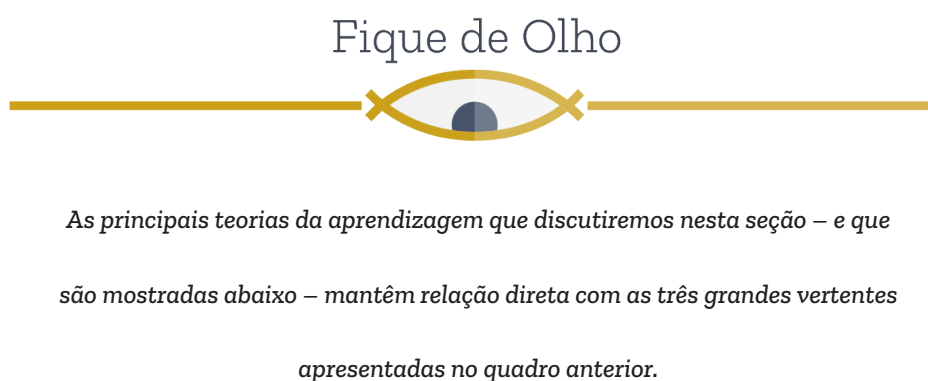
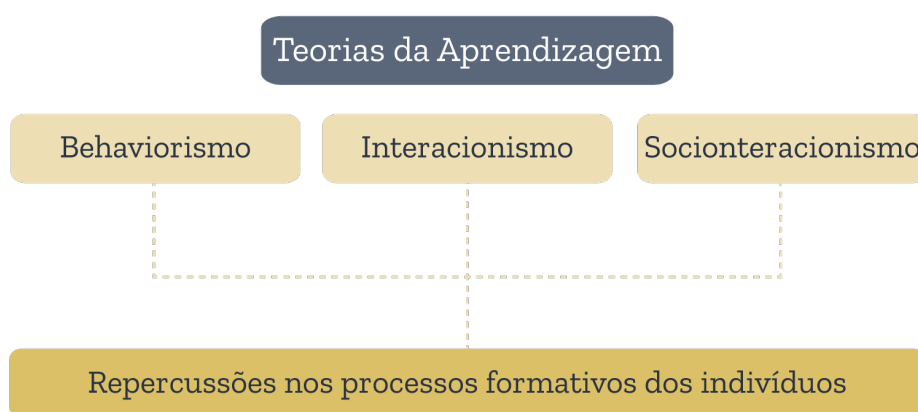


Figura 2 – Teorias da Aprendizagem e suas interações com o indivíduo



a) **Teoria behaviorista.** Parte da premissa de que o ambiente em que os indivíduos vivem constitui a mais forte variável em sua formação, desconsiderando a existência de fatores

internos – intrínsecos ao sujeito – que possam levar ao seu desenvolvimento. Seus defensores tendem a não reconhecer nenhuma relação entre desenvolvimento e aprendizagem, acreditando que à medida que o homem aprende ele também se desenvolve.

Importante



O behaviorismo encara o sujeito como um emissor de respostas a partir de estímulos presentes no meio ambiente, razão pela qual defende uma visão mecanicista de homem: um ser que reage a um mundo objetivo, independente e exterior a ele.

Entre os principais representantes do behaviorismo destaca-se B. F. Skinner (1904-1990), teórico que exerceu grande influência na educação entre as décadas de 1950 e 1970.

Sua principal preocupação foi com os comportamentos desenvolvidos pelo sujeito, a partir de suas ações sobre o ambiente.

Embora tendo ganhado grande expressão no campo educacional e influenciado os processos formativos dos indivíduos, durante muito tempo a teoria behaviorista recebeu críticas, como a exemplificada a seguir.

Uma das críticas a essa concepção da aprendizagem é que existem elementos subjetivamente constituídos na história da pessoa que, mesmo que não estejam em relação direta com o comportamento implícito ao processo de aprender, são responsáveis por muitas das emoções que farão parte do sentido desse processo para o sujeito que aprende (OLIVEIRA, 2003, p. 94).

b) Teoria interacionista. Para os interacionistas, a aprendizagem é determinada tanto

por fatores internos ao desenvolvimento (próprios do indivíduo) quanto por fatores externos (relativos ao meio). Entre esses teóricos, destaca-se um grupo denominado piagetiano, para o qual o desenvolvimento dos indivíduos resulta de sua ação sobre o ambiente em que vive. Esse grupo defende que a aprendizagem ocorre desde que os sujeitos já tenham alcançado determinado nível de desenvolvimento. Sua máxima é: sem desenvolvimento não há aprendizagem – considerando que esta última viria depois daquele.

Na visão de Jean Piaget, mentor do referido grupo, a ação do indivíduo é a principal fonte do conhecimento. Sua teoria sustenta-se em três pilares principais: (i) a inteligência do homem representa uma forma de adaptação biológica; (ii) o conhecimento é resultado de um processo de construção; e (iii) o conhecimento nasce e é construído por meio de intercâmbios que o sujeito estabelece com o meio.

c) Teoria sociointeracionista. Por sua vez, os defensores do sociointeracionismo partem da tese de que os homens só se tornam humanos a partir da interação de uns com os outros. É essa interação que torna possível ao indivíduo aprender a falar, expressar sentimentos e convicções, elaborar teorias etc. Observe como esses teóricos invertem a tese defendida pelos piagetianos de que é o desenvolvimento que promove a aprendizagem. Para eles, desenvolvimento e aprendizagem não são processos estanques, mas complementares entre si. (DAVIS e GROSBaum, 2002)

Vygostky (1896-1934), principal representante dessa terceira teoria, defende que o desenvolvimento humano corresponde a um processo de internalização das formas de pensar e agir de determinada cultura – o que tem início nas relações sociais. Para ele, o ser humano, ao nascer, encontra-se misturado com o próprio meio.

Fique de Olho



Entre os vários conceitos discutidos por Vygostky (2008) sobre a relação desenvolvimento e aprendizagem, destaca-se o de Zona de Desenvolvimento Proximal (ZDP), que pode ser compreendida como a distância entre o nível de desenvolvimento real e o nível de desenvolvimento potencial do indivíduo. O nível de desenvolvimento real é aquilo que o sujeito – como, por exemplo, um aluno de curso a distância – pode realizar sozinho em determinada situação, sem a ajuda de outra pessoa. O nível de desenvolvimento potencial é o que ele pode fazer ou aprender na interação com outras pessoas a partir da observação ou imitação deles, ou de troca de ideias, sendo desafiado por

Caro(a) cursista, mencionar a zona de desenvolvimento proximal é falar como, por meio da interação, aquele que elabora materiais didáticos para educação a distância e o aluno pode fazer-se presente no processo de construção do conhecimento, em constante interação. É tratar também da necessidade dessa interação entre o material e aqueles (alunos) que o têm como principal referência para a leitura da ação formativa da qual participam. Essa é uma das razões pelas quais, para a escrita de material didático para EaD, é muito importante o conhecimento das teorias da aprendizagem.

Por fim, ressaltamos que cada uma das teorias antes analisadas trouxe – e traz – consequências para a forma como acontece o processo formativo dos indivíduos na sociedade, seja na modalidade presencial ou a distância.

4. Relação aprendizagem e desenvolvimento humano: uma síntese

Caro(a) cursista, como já deve ter percebido em seu trabalho como autor de conteúdo para EaD, algumas maneiras de encarar o processo ensino-aprendizagem não se mostram mais sintonizadas com o momento que vivemos – um tempo histórico que valoriza principalmente as trocas de experiências. Com efeito, essa postura ganha maior importância ao trabalharmos com a educação a distância e ao lidarmos com a aprendizagem dos adultos.

Considerando esse fato, as teorias estudadas na seção anterior nos ajudam a pensar a respeito de outra pergunta: como se estabelece a relação entre desenvolvimento humano e aprendizagem?

Vejamos no esquema proposto por Sousa (2017), mostrado a seguir, uma síntese das ideias que nos ajudam a construir uma resposta para a pergunta apresentada.

Figura 3 – Esquema-síntese da relação entre desenvolvimento humano e aprendizagem



Como você pode perceber, as abordagens científicas para explicar a relação entre desenvolvimento e aprendizagem partem de pressupostos bastante distintos. Ao longo do tempo

elas foram criando condições para o surgimento de teorias de aprendizagem que, embora ligadas por determinados princípios comuns, também revelam suas particularidades, como analisamos antes.

Chegamos ao fim da primeira unidade de estudos. Esperamos que os conteúdos abordados tenham contribuído para ampliar seus conhecimentos sobre as diferentes formas pelas quais os indivíduos aprendem.

Na próxima unidade focalizaremos as especificidades da educação a distância, destacando seus fundamentos, suas características e seus usos. Essa é uma discussão que promete!

UNIDADE II

EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA: FUNDAMENTOS, CARACTERÍSTICAS E USOS

Caro(a) cursista,

Na unidade anterior analisamos os fundamentos das principais teorias da aprendizagem, enfatizando as distintas explicações para a forma como os indivíduos aprendem. Vimos que uma dessas teorias – a sociointeracionista – parte da premissa de que nossa dimensão humana é construída a partir da interação que os indivíduos estabelecem com os outros – portanto, a partir das relações sociais das quais participam.

Essa premissa é muito importante para a discussão feita nesta unidade e nas que a seguem, ao insistirmos em um princípio fundamental na construção do material didático para EaD: a interação que ele precisa garantir com o aluno, visando uma aprendizagem significativa!

Tendo isso como horizonte, nesta unidade discutiremos o conceito, a natureza, fundamentos gerais, usos e a evolução da educação a distância. Nossa expectativa é que, ao concluir o estudo dela, você revele um bom domínio de elementos que ajudem na compreensão de como a EaD reflete grandes mudanças na maneira de ensinar e aprender na sociedade do conhecimento – também chamada sociedade da informação.

Para tanto, a unidade está organizada nas seguintes seções:

- Conceito e natureza da educação a distância;
- Fundamentos legais, didáticos e pedagógicos da EaD;
- Gerações da EaD: o tempo não para!

Esperamos que o estudo desta unidade venha a ser uma experiência prazerosa para você

– tanto quanto é para nós estabelecer um diálogo em torno dos conteúdos nela abordados.

Bom trabalho!

1. Conceito e natureza da educação a distância

Conceitualmente, a EaD corresponde a um processo de ensino-aprendizagem no qual a mediação acontece por meio das tecnologias, encontrando-se professores e alunos separados espacial e temporalmente. Partindo dessa acepção mais geral, este tópico tem como foco abordar alguns elementos que concorrem para melhor compreensão da natureza da educação a distância.

Nossa reflexão parte da premissa que a EaD configura, cada vez mais, um caminho incontornável e, principalmente, uma nova alternativa para promover e fortalecer o processo formativo dos indivíduos na sociedade contemporânea. Afinal, diante das velozes e constantes transformações sociais, parece que, de repente, o mundo ficou menor! Às vezes, temos a sensação de que o planeta virou uma “grande aldeia global”, como já dizia um escritor canadense, McLuhan (1971), ainda no fim da década de 1960 – ideia que se mostra muito atual. Diante disso, é razoável perguntar: como adequar a formação dos indivíduos às exigências e características do século XXI?

Importante



Herbert Marshall McLuhan (1911-1980), filósofo e educador, criou a expressão “aldeia global” partindo da ideia de que o progresso tecnológico estaria reduzindo todo o Planeta Terra à realidade de uma aldeia. Foi o primeiro pensador contemporâneo a refletir sobre as mudanças sociais provocadas pela onda de revolução tecnológica da mídia, como computadores e telecomunicações em geral.

A busca por respostas para perguntas como essa ajuda a explicar por que a educação a distância tem se transformado, inquestionavelmente, em um caminho sem volta para a formação dos indivíduos. Belloni (2005) agrega outros importantes elementos à discussão da questão ao afirmar que, na sociedade atual, a EaD tem assumido crescente centralidade. Para a autora, não se admite mais encarar a educação a distância como algo paliativo, mas como um dos caminhos mais adequados para a formação de indivíduos autônomos e reflexivos – desde que desenvolvida de maneira integrada aos sistemas convencionais e de aprendizagem aberta.

A citação a seguir apresenta elementos importantes para ampliar a compreensão sobre a natureza da EaD, ao romper com a convencional relação espaço/tempo.

A Educação a Distância requer a compreensão de que é um processo de ensino-aprendizagem apontado para uma só dimensão: a proximidade do aluno, não no sentido espaço-temporal, mas no sentido do exercício da autonomia, da participação e da colaboração no processo ensino-aprendizagem. É o aluno motivado e "próximo" o foco principal de tal processo, a partir do conhecimento de suas características socioculturais, suas experiências e demandas. (AMARILLA FILHO, 2011, p. 48)

Fique de Olho



O conhecimento que circula na sociedade contemporânea constitui elemento indispensável para os cidadãos desenvolverem a capacidade de lidar com dados e informações de diversas naturezas. Nessa sociedade, a educação a distância passa a ocupar um papel de crescente relevância na formação de sujeitos autônomos e capazes de transformar dados e informações em conhecimento.

Nos últimos anos, estudiosos de diferentes partes do mundo têm se dedicado a mapear as características fundamentais da EaD. Em linhas gerais, as pesquisas realizadas têm contribuído para criar convergência em torno das características indicadas abaixo.

Figura 4 – Nove características oriundas do Ensino a Distância

Ampliação da interatividade e do compartilhamento de saberes na perspectiva da construção coletiva do conhecimento	Gerenciamento do processo ensino-aprendizagem não mais pelo professor, e sim pelo aprendiz	Concretização por meio da comunicação mediada por mídias diversas
Mediação didático-pedagógica no processo ensino-aprendizagem com a utilização de meios e tecnologias de informação e comunicação	Possibilidade de aumento da individualização no atendimento às necessidades do aluno	Ruptura da relação espaço-tempo, marca distintiva da educação presencial
Desenvolvimento de atividades educativas por professores e alunos em lugares e tempos diversos	Ampliação de uma conversa guiada etc.	Potencialização da comunicação dialógica entre os diversos sujeitos envolvidos no processo educativo

Na perspectiva de Moore e Kearsley (2013), características como essas contribuem para o reconhecimento da crescente atenção recebida pela EaD no planejamento dos sistemas educativos, que buscam disseminá-la utilizando mídias diversas. Esse fato atesta a importância de todos os recursos serem usados para garantir que sua natureza comunicacional, metodológica e didática esteja voltada para a aprendizagem significativa dos envolvidos. Nesse cenário, o desafio é garantir que isso aconteça sem a integração espacial e temporal síncrona entre professor e aluno.

Fique de Olho



Na educação a distância a comunicação síncrona ocorre em situações nas quais é exigido que os interlocutores – no caso, professor/tutor e aluno – estejam conectados no mesmo momento, de maneira que ocorra a troca de mensagens e a interação, por meio (por exemplo) do telefone.

Por sua vez, a comunicação assíncrona caracteriza-se por uma interação entre os interlocutores que não acontece em tempo real (on-line), como quando o aluno recebe materiais impressos para estudar, seguindo planejamento previamente definido.

2. Fundamentos legais, didáticos e pedagógicos da EaD

Na atualidade, a educação a distância tem ganhado grande expressão na educação brasileira, embora a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDBEN n. 9.394, de 20 de dezembro de 1996 (BRASIL, 1996), não a trate estritamente como modalidade. Nessa lei, a EaD é abordada quanto ao Ensino Fundamental (art. 32, § 4º); à Educação Superior (art. 47, § 3º); à Educação Especial (art. 59); Das Disposições Gerais (art. 80); Das Disposições Transitórias (art. 87).

Entretanto, em uma perspectiva mais ampla, é o art. 80 que, de fato, determina as condições favoráveis para a regulação da EaD no Brasil. Veja em que termos isso é fixado pelo referido artigo:

Art. 80. O Poder Público incentivará o desenvolvimento e a veiculação de programas de ensino a distância, em todos os níveis e modalidades de ensino, e de educação continuada.

§ 1º A educação a distância, organizada com abertura e regime especiais, será oferecida por instituições especificamente credenciadas pela União.

§ 2º A União regulamentará os requisitos para a realização de exames e o registro de diplomas relativos a cursos de educação a distância. (BRASIL, 1996)

Um exame mais atento desse dispositivo legal mostra a necessidade de ultrapassar a visão conservadora e limitante da EaD como algo de natureza complementar da aprendizagem ou que ela venha a ser utilizada apenas para situações emergenciais. Em uma direção contrária, a

EaD precisa ser orientada, segundo Belloni (2002), por uma lógica de inovação que faça com que as tecnologias possam estar integradas aos processos educacionais, como defende a autora:

É preciso compreender o fenômeno educação a distância [...] como parte de um processo de inovação educacional mais amplo, que é a integração das novas tecnologias de informação e comunicação nos processos educacionais. Essa integração como eixo pedagógico central pode ser uma estratégia de grande valia, desde que se considerem essas técnicas como meios e não como finalidades educacionais, e que elas sejam utilizadas em suas duas dimensões indissociáveis: ao mesmo tempo como ferramentas pedagógicas extremamente ricas e proveitosas para a melhoria e a expansão do ensino e como objeto de estudo complexo e multifacetado, exigindo abordagens criativas, críticas e interdisciplinares, e podendo ser um “tema transversal” de grande potencial aglutinador e mobilizador. (BELLONI, 2002, p.128).

O recente Decreto n. 9.057, de 25 de maio de 2017, regulamenta o art. 80 da LDB n. 9.394/1996 e vem sinalizando novas perspectivas para a criação de políticas de EaD no Brasil. De acordo com o art. 1º do referido Decreto,

[...] considera-se educação a distância a modalidade educacional na qual a mediação didático-pedagógica nos processos de ensino e aprendizagem ocorra com a utilização de meios e tecnologias de informação e comunicação, com pessoal qualificado, com políticas de acesso, com acompanhamento e avaliação compatíveis, entre outros, e desenvolva atividades educativas por estudantes e profissionais da educação que estejam em lugares e tempos diversos. (BRASIL, 2017)

Nessa perspectiva, é preciso ter clareza da concepção de EaD que está sendo construída e consolidada no cenário atual, considerando as demandas crescentes por educação. Esse fato torna imprescindível uma concepção crítica dessa modalidade educacional, capaz de contribuir positivamente para a formação humana, em consonância com os desafios éticos e profissionais presentes na sociedade contemporânea.

Diversos estudiosos vêm mostrando as possibilidades da EaD para a formação dos indivíduos na sociedade atual, apoiada pelas tecnologias da informação e comunicação (TICs).

Entre eles, Moore e Kearsley (2013, p.75) têm destacado algumas dessas possibilidades:

1. Aumentar o acesso ao aprendizado e à formação como questão de equidade;
2. Proporcionar oportunidades para atualizar aptidões da força de trabalho;
3. Otimizar o uso dos recursos educacionais;
4. Melhorar a qualidade das estruturas educacionais existentes;
5. Melhorar a qualidade da formação dos sistemas educacionais;
6. Minimizar as desigualdades entre grupos etários;
7. Direcionar campanhas educacionais para públicos específicos;
8. Proporcionar formação para grupos específicos;
9. Expandir o acesso para novas áreas do conhecimento;
10. Oferecer combinação de educação, trabalho e vida familiar;
11. Agregar uma dimensão internacional à experiência educacional.

Sabemos que, sob uma perspectiva crítica, o uso das TICs não pode se limitar à mera instrumentalização do indivíduo; ao contrário, deve prepará-lo para a cidadania crítica. Para tanto, é preciso que ele seja um usuário competente, crítico, criativo e participativo, considerando que isso exige uma nova lógica orientadora do seu próprio processo formativo.

Fique de Olho



Na educação a distância a comunicação síncrona ocorre em situações nas quais é exigido que os interlocutores – no caso, professor/tutor e aluno – estejam conectados no mesmo momento, de maneira que ocorra a troca de mensagens e a interação, por meio (por exemplo) do telefone.

Por sua vez, a comunicação assíncrona caracteriza-se por uma interação entre os interlocutores que não acontece em tempo real (on-line), como quando

o aluno recebe materiais impressos para estudar, seguindo planejamento previamente definido.

Observe que se trata, então, de considerar, sobretudo, o uso de tecnologias que concorram para estruturar ações formativas diferenciadas daquelas organizadas para acontecerem em espaços escolares convencionais. É nesse contexto que a educação a distância "assume cada vez mais características de educação aberta, aprendizado aberto e a distância" (PIMENTEL, 2016, p.410). Ainda conforme a autora, a dimensão didático-pedagógica da EaD pode contribuir para minimizar as desigualdades e lacunas históricas no acesso pleno à educação, notadamente quando pensada de maneira associada à inovação e à excelência em qualidade da formação inicial e continuada.

3. Gerações da EaD: o tempo não para!

Caro(a) cursista, neste Guia não temos a intenção de discutir a história da educação a distância – tema tratado por um grande número de autores. Porém, com a finalidade de compreender melhor o seu estágio atual – caracterizado pela mediação do processo ensino-aprendizagem por meio das mídias –, apresentamos a seguir um quadro-síntese dessa história. Nele são recuperadas (ainda que brevemente) algumas referências dos momentos que caracterizam a evolução da EaD como uma modalidade que rompe com a relação espaço/tempo, elemento característico das práticas escolares convencionais.

Nessa perspectiva, apresentamos a seguir um conjunto de informações sobre as diversas gerações que caracterizam a evolução da educação a distância no mundo. É importante lembrar que, dependendo das circunstâncias históricas e sociais de cada país, esses estágios nem sempre

foram vividos por todos, ao mesmo tempo. Significa afirmar que os momentos históricos descritos no quadro equivalem a tendências mais gerais do fenômeno.

Quadro 2 – Gerações da EaD

GERAÇÕES	CARACTERÍSTICAS
1 ^a	Estudo por correspondência com orientações para estudos independentes enviados por carta para as casas dos alunos, e fundamentação na educação individualizada a distância.
2 ^a	Utilização de rádio e televisão para a transmissão do conhecimento, incorporando a dimensão oral e visual para a apresentação de informações aos estudantes a distância.
3 ^a	Aparecimento de universidades abertas, a partir de experiência norte-americana que integrou áudio/vídeo e correspondência com orientação face a face (abordagem sistêmica).
4 ^a	Uso de teleconferências por áudio, vídeo e computador – primeiras interações agilizando a transmissão de saberes e facilitando a interface entre os envolvidos em eventos dessa natureza.
5 ^a	Sala de aula virtual on-line, com uso da internet, associada aos outros recursos já usados em educação a distância, aumentando o interesse por essa modalidade em nível mundial.

Quadro elaborado com base em Moore e Kearsley (2007).

Uma análise das principais características dessas cinco gerações mostra-nos que a evolução da EaD ocorreu de forma bastante relacionada às descobertas de novos recursos e tecnologias que foram sendo postas a seu serviço, de forma a alcançar o maior número possível de pessoas. Particularmente, a quinta geração – marcada, sobretudo, pelo aparecimento e disseminação das TICs – transporta-a para outro patamar de desenvolvimento. Esse estágio tem como base a tese de que as novas “ferramentas potencializam a comunicação dialógica entre sujeitos envolvidos no processo educativo, ampliando a interatividade o compartilhamento de saberes e a construção coletiva de conhecimento”. (PEREIRA e MORAES, 2009, p.65)

A figura apresentada a seguir sintetiza, em termos de elementos-chave de cada geração, a discussão feita sobre a evolução da EaD.

Figura 5 – Cinco características oriundas do Ensino a Distância



Com efeito, a quinta geração da educação a distância tem como uma de suas principais marcas o uso da internet de maneira articulada a outros recursos já usados por essa modalidade, potencializando sua utilização. Entretanto, é preciso não perder de vista que desafios enormes ainda pairam sobre a EaD, em nível de mundo e de Brasil – como, por exemplo, aquele que diz respeito ao uso adequado das TICs, como alertam Moore e Kearsley (2007):

Nenhuma tecnologia isoladamente tem possibilidade de atender a todos os requisitos de ensino aprendido de todo um curso ou programa completo, satisfazer as necessidades dos diferentes alunos ou atender às variações em seus ambientes de aprendizado. (p.101)

Ao concluir o estudo dessa unidade, reiteramos a importância do uso planejado dessas tecnologias na EaD, de forma integrada a materiais didáticos diversos (impressos, audiovisuais e material para ambiente virtual de aprendizagem), visando dar sentido a ela própria.

Esperamos que você tenha apreciado os temas que abordamos nessa unidade. Na próxima centraremos nossa atenção em vários cuidados a serem considerados na produção de material didático impresso para a educação a distância. Até lá!

UNIDADE III

ASPECTOS PEDAGÓGICOS A SEREM CONSIDERADOS NA PRODUÇÃO DE MATERIAL DIDÁTICO PARA A EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA

Caro(a) cursista,

Chegamos à terceira unidade de estudos e, depois de analisarmos as características mais gerais da educação a distância (na unidade anterior), trataremos dos aspectos pedagógicos a serem observados na produção de material didático, além de suas funções na relação pedagógica que se estabelece nessa modalidade.

De início, ressaltamos que a discussão proposta na unidade parte da premissa de que, na EaD, independentemente da mídia utilizada, o material didático escrito configura-se como o recurso, por excelência, de comunicação pedagógica. Observe, desde já, que a grande relevância desse material para a relação educativa a distância justifica, por si só, a necessidade de conhecermos os princípios orientadores de sua elaboração.

Tendo em vista a discussão pretendida, a unidade está organizada em quatro seções:

- Especificidade das mídias textuais para uso na educação a distância;
- Definição de material didático e sua inserção na EaD;
- Funções do material didático na EaD: texto-base e texto de apoio; e
- Princípios e cuidados básicos para elaboração de material escrito para EaD.

É importante que no estudo desses tópicos você considere as discussões feitas na Unidade 2. Caso sinta necessidade, retome os temas nela discutidos, pois isso contribuirá para reforçar sua aprendizagem e, ao mesmo tempo, estabelecer uma produtiva relação entre os assuntos

abordados nas duas unidades, em relação às especificidades da educação a distância.

Sempre que possível, daremos exemplos que tornem mais compreensíveis os aspectos pedagógicos a serem considerados na produção do material para EaD.

Estude cada seção com bastante atenção, pois a discussão nelas feita será um importante subsídio para a compreensão e para as discussões que faremos na próxima unidade.

Bom estudo para você!

1. Especificidade das mídias textuais para uso na educação a distância

Você já pensou como, na educação presencial, a mediação entre o aluno e o conhecimento é feita, sobretudo, pelo professor? De fato, em situações convencionais, via de regra, o docente exerce um papel mais centralizador na condução do processo de ensino-aprendizagem. Dessa forma, as mídias utilizadas nas aulas presenciais acabam servindo de apoio tanto para o professor quanto para o aluno – o que se mostra de outra forma na EaD.

Iniciaremos o estudo desta seção refletindo sobre a mídia textual para as duas modalidades, considerando as especificidades de cada uma, como mostrado a seguir.

Quadro 3 – Diferenças entre as mídias da Educação Presencial e da EaD

Especificidades das Mídias Textuais	
Educação Presencial	Educação a Distância
Os textos básicos de um curso, disciplina ou módulo são selecionados tendo como base a expertise dos pesquisadores, professores e estudiosos de determinado campo do conhecimento. De forma geral, não são produzidas mídias textuais específicas (de conteúdo) para, por exemplo, a disciplina que um professor leciona. Na prática, utilizam-se pesquisas já publicadas, sendo que algumas delas costumam apresentar, muitas vezes, um elevado nível de erudição – fato que exige da audiência (interlocutores) um conhecimento prévio sobre determinados assuntos.	Em outra direção, a mídia textual produzida para a educação a distância – considerando o modelo de educação on-line – tem elementos que podem, inclusive, contribuir para a produção do próprio material didático que se utiliza na educação presencial. Essa afirmativa ganha sentido, sobretudo, quando pensamos que na EaD o material didático é o principal elemento de mediação no processo de aprendizagem dos alunos. Na prática, ele deve ser interessante e atraente, para contribuir para sua interação com o aluno.

Observe que, ao nos referirmos às mídias textuais destinadas à educação a distância, fizemos referência à educação on-line. Embora, muitas vezes, ambas sejam tratadas de maneira equivalente – gerando certo grau de confusão conceitual – é importante distingui-las, ainda que pertençam ao mesmo campo. Veja na citação a seguir em que termos isso pode ser feito.

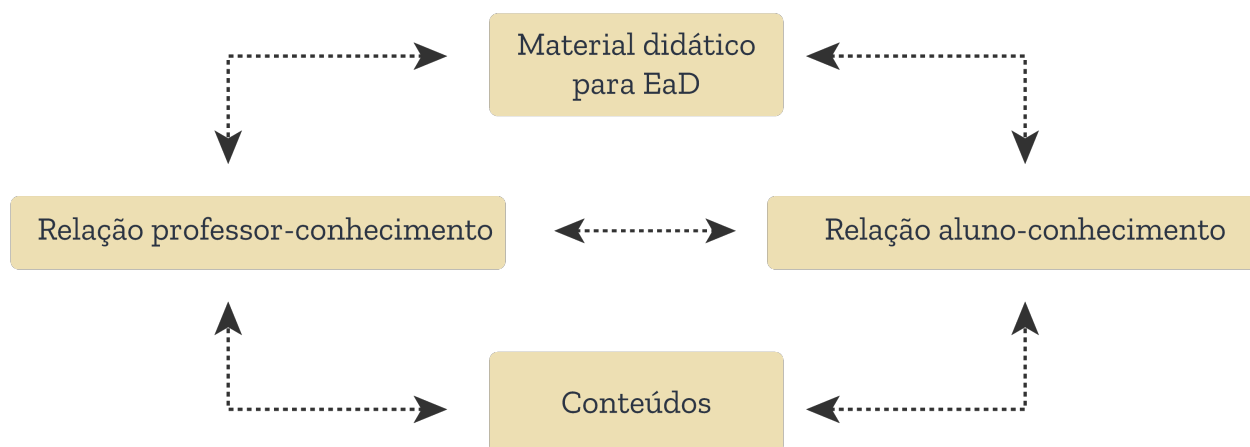
Educação on-line pode ser definida como o conjunto de ações de ensino-aprendizagem que são desenvolvidas por meios telemáticos, como a internet, a videoconferência e a teleconferência. A educação on-line acontece cada vez mais em situações bem amplas e diferentes, da educação infantil até a pós-graduação, dos cursos regulares aos cursos corporativos. [...] A educação on-line não equivale à educação a distância. Um curso por correspondência é a distância e não é on-line. Por outro lado, não podemos confundir a educação on-line só com cursos pela internet e somente pela internet no modo texto. (MORAN, 2003, p.40)

Você já parou para pensar que na educação a distância a linguagem do texto pode ser compreendida como um processo social? Isso mesmo! Por essa razão, é fundamental que o elaborador do material didático (textual) saiba quem é o seu aluno em sua realidade concreta – o que significa apropriar-se de elementos que contribuam para caracterizar o aluno para quem o material se destina: quem é, o nível de escolaridade, a sua experiência com tecnologias educacionais etc. Por extensão, essa observação também serve para as outras mídias produzidas para a EaD, que não são obrigatoriamente textos escritos.

É nesse nível de compreensão que ganha sentido a atuação daquele que escreve material para EaD: como alguém que se insere em outro processo também complexo – de ensino-aprendizagem – que, por sua vez, não se resume à mera transmissão de informações. Afinal, na sociedade atual, não é mais suficiente que os indivíduos simplesmente acumulem dados e informações. Vivemos uma época na qual eles precisam assumir um papel ativo em sua aprendizagem. Para tanto, é necessário que sejam capazes de transformar dados e informações em conhecimentos que os ajudem a refletir sobre o momento histórico em que vivem, bem como a respeito das práticas desenvolvidas em seu próprio processo formativo.

Observe, caro(a) cursista, como o compromisso com a busca de elementos que mais bem caracterizem o público para o qual vai escrever – perfil geral do aluno – pode levar o formador-conteudista a promover avanços e melhorias na própria EaD. Além disso, ele pode ajudar na compreensão da relação estabelecida pelos elementos representados na figura a seguir – os quais devem ser considerados na produção do material em destaque.

Figura 6 – Fluxograma dos processos de mediação professor-aluno em EaD.



Em síntese, na EaD, o material didático é o elemento que deve promover uma interação significativa, do ponto de vista da aprendizagem, entre o aluno e os conteúdos estudados. Por isso, sua concepção e elaboração devem ser orientadas por princípios que garantam a adequada interação entre o conhecimento e o aluno. O resultado esperado dessa interação é a constante promoção, por parte do aluno, de uma dupla integração:

- dos conteúdos propostos com aqueles conhecimentos que já possui; e
- dos conhecimentos novos em sua memória de longo prazo.

2. Definição de material didático e sua inserção na EaD

Como vimos, o material didático para a EaD possui singularidades a serem consideradas em sua produção, visando um adequado desenvolvimento pedagógico dessa modalidade.

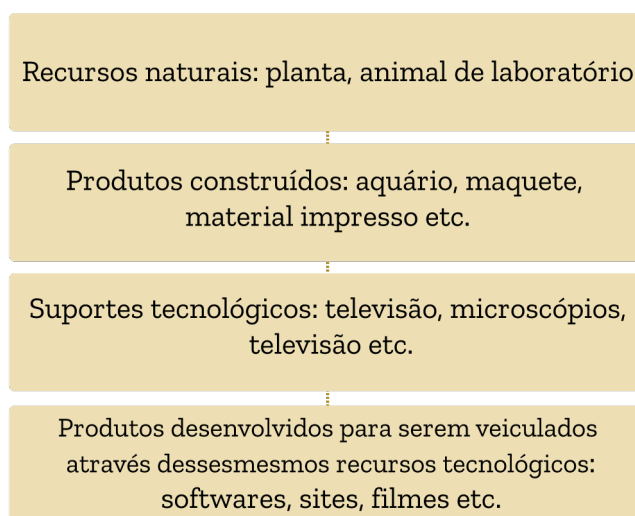
Em consequência disso e considerando a reflexão feita no tópico anterior em relação à especificidade das mídias textuais para a utilização na EaD, é importante refletir aqui sobre

a concepção de material didático, em termos mais amplos. A citação a seguir apresenta uma definição abrangente a respeito, além de deixar pistas para pensarmos, mais adiante, a respeito da adequação desse material à modalidade da educação a distância.

Chamamos de material didático todo e qualquer recurso de apoio às interações pedagógicas no contexto de uma relação educativa, tendo sido ou não desenvolvido com fins educacionais. Desse modo, um filme comercial, que o professor seleciona para apoiar suas intervenções, torna-se material didático tanto quanto o é um manual escolar especialmente desenvolvido para esse fim. São exemplos de material didático os diferentes recursos impressos e audiovisuais utilizáveis [...], tais como um livro técnico, uma televisão, um termômetro, um site, uma teleconferência, um modelo científico, um animal de laboratório, um software educativo, um jogo, uma planta [...], um aquário, uma maquete, um museu, uma biblioteca etc. (SANTOS, 2011, p. 17)

Como você pode observar, os exemplos listados pelo autor permitem associar o material didático a diferentes categorias, como ilustrado a seguir.

Figura 7 – Materiais úteis para o processo de aprendizado.



Do que discutimos até aqui podemos concluir que, apesar de bastante ampla, a noção de material didático está sempre diretamente relacionada com a intenção de servir de apoio à atividade pedagógica. No caso da EaD, ele é o elemento que orienta a intervenção didática do

professor, ao mesmo tempo em que se caracteriza por contribuir para uma grande flexibilidade da interação do aluno com o conhecimento.

Essa flexibilidade se dá em função das facilidades que a modalidade apresenta com relação a tempo, espaço e ritmo de aprendizagem de quem aprende. Um exemplo prático do que falamos diz respeito ao caso deste Guia que você está estudando, veiculado por meio de uma mídia, no formato digital. Isso porque ele foi concebido especialmente para uma situação de ensino-aprendizagem e demanda de você um ritmo e um modo de estudá-lo que se mostraria bastante diferente caso fosse uma situação presencial.

3. Funções do material didático na EaD: texto-base e texto de apoio

Na educação a distância o material didático escrito – que também pode ser chamado **texto-base** – tem duas principais funções interdependentes e complementares, a saber:

- garantir o desenvolvimento do conteúdo básico indispensável ao andamento de um curso/módulo ou o estudo de determinada disciplina;
- abrir várias oportunidades para o processo de reflexão-ação-reflexão pelos alunos.

A convergência dessas duas funções contribui, sobremaneira, para que o aluno possa construir seu conhecimento a respeito de determinada área do conhecimento ou tema eleito para estudo. Além disso, mostra que o material didático deve contribuir para a autoaprendizagem do aluno, razão pela qual precisa ser autossuficiente.

Mas, no que consiste essa autossuficiência? Primeiro, é preciso lembrar que essa exigência não faz parte da educação presencial, pois nela o professor interage diretamente com o aluno. Todavia, na EaD, ela é demandada porque o seu material deve levar em conta as características

do processo de ensinar e aprender sem a interação face a face. De acordo com Sartori e Roesler (2005), "um material didático é autossuficiente quando apresenta, além do conteúdo e das avaliações, todas as orientações para que os alunos desenvolvam suas atividades de estudo, pesquisa e interações com colegas e professores" (p. 65).

Fique de Olho



Na modalidade a distância, os materiais didáticos impressos são os principais meios de socialização do conhecimento e de orientação do processo de aprendizagem, articulados com outras mídias: vídeo, videoconferência, telefone, CDs, DVDs, fax e ambiente virtual." (BRASIL, 2007, p.6)

Por sua vez, Neder (2009) identifica algumas tendências que têm se configurado como resultado de diversos estudos que discutem a função do material didático para EaD. Uma dessas tendências diz respeito à necessidade dos autores de textos para uso nessa modalidade se perceberem como "tutores no papel". Para tanto, é importante que produzam material didático que busque:

- ajudar o aluno a trabalhar o conteúdo selecionado, destacando algumas partes e/ou repetindo outras, quando achar que é importante o destaque;
- dizer-lhe o que necessita fazer para trabalhar com o material;
- estabelecer claramente os objetivos à luz do estudo que vai ser desenvolvido;
- explicar o conteúdo de tal maneira que os alunos possam relacioná-lo com o que já sabem;

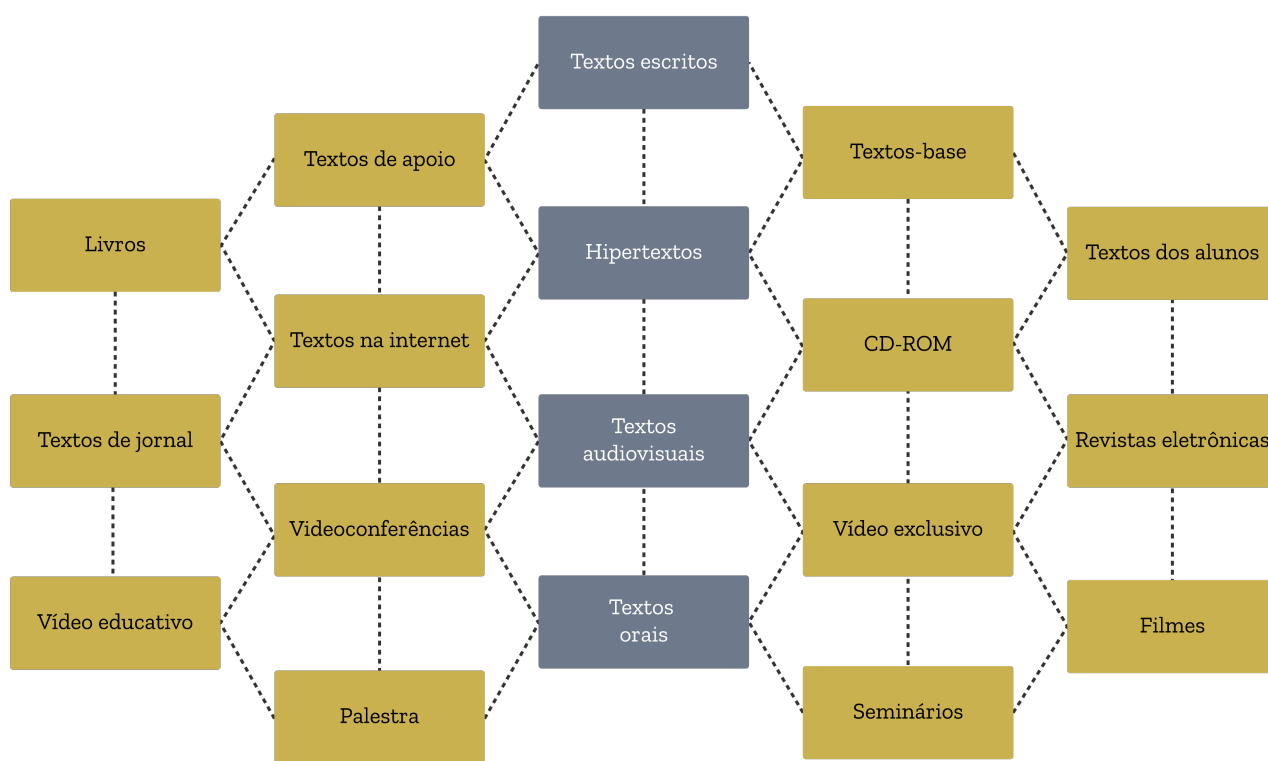
- animar os estudantes reiteradamente, para que realizem o esforço necessário para a aprendizagem do conteúdo trabalhado;
- provocar situações – por meio de tarefas, questionamentos e exercícios – que estimulem os alunos a buscar outras fontes de consulta para o aprofundamento do conteúdo trabalhado;
- dar condições para que os alunos possam acompanhar seu próprio processo de aprendizagem (p.19).

Na perspectiva da mesma autora, o **texto-base** “serve com marcador curricular e metodológico, mas não traz em si a potencialidade de abrangência e aprofundamento que qualquer área, disciplina ou temática merece” (p.21). Todavia, ainda que ele cumpra essas funções, a aprendizagem do aluno necessita de outro material didático que contribua para ampliar sua compreensão sobre a temática proposta – o **texto de apoio**.

Esse segundo tipo de texto assume um caráter complementar ao texto-base e pode ser retirado de fontes diversas, como livros, revistas, jornais ou, ainda, ser especialmente encomendado ou produzido pelo próprio autor do material escrito para apoiar os estudos e pesquisas a serem realizados pelos estudantes. Os textos de apoio também são, portanto, materiais didáticos de um curso ou de uma disciplina, embora não contem com a obrigatoriedade de serem acompanhados de orientações específicas para sua leitura.

A figura a seguir mostra a rede de relações entre distintos textos que podem compor o material didático para EaD. Os círculos na cor verde apresentam os textos-base e podem ser considerados os marcadores curriculares, enquanto os na cor azul indicam os textos de apoio.

Figura 8 – Relações intertextuais que podem compor o EaD



Fonte: Neder (2009, p.21)

De acordo com Aretio (2001), as funções do material didático na EaD são pedagógicas e motivacionais, podendo ser sintetizadas nos seguintes termos:

- promover o diálogo entre professor/aluno/orientador/tutor;
- ensinar o processo de leitura do aluno;
- estimular o aluno para a pesquisa;
- incentivar a busca de elementos teóricos que permitam ampliar o conhecimento do aluno;
- oportunizar o aluno trabalhar em ritmo próprio.

Fique de Olho



As funções do material didático para EaD levam ao reconhecimento de que sua produção se insere na construção de um projeto educativo mais amplo e não meramente como elaboração de textos.

4. Princípios e cuidados básicos para elaboração de material escrito para EaD

Na elaboração do material didático para EaD, é importante que sejam tomados, entre outros, os seguintes cuidados:

- redação clara, objetiva, direta, com moderada densidade de informação;
- sugestões explícitas ao longo do texto (o que é importante e relevante, sugestão de leituras, atividades);
- texto estruturado de maneira que propicie coerência interna ("costura", articulação) e localização fácil da informação (por meio da numeração, destaques, ícones etc.);
- apresentação clara dos objetivos;
- linguagem simples e científica, ao mesmo tempo;
- linguagem coloquial, dialogando o máximo possível com o estudante (troca de opiniões com o leitor, perguntas, palavras de estímulo);
- convite à crítica, à reflexão, a expandir as leituras e os conhecimentos além do que está proposto no texto didático;
- linguagem adequada às características dos estudantes, especialmente quanto a nível de escolaridade, idade e interesses. (PRETI, 2010. p.73)

Particularmente em relação ao primeiro cuidado listado, é relevante considerar a necessidade de o conteúdo ser abordado de maneira moderada, pois os alunos aprendem melhor à medida que as informações são apresentadas em quantidade dosada. Para tanto, é preciso que ele seja dividido de maneira planejada e apropriada, resultando o curso/módulo em disciplinas e essa em unidades que, por sua vez, desdobram-se em seções ou partes. Em termos práticos, esse tipo de estratégia concorre para garantir:

- maior coesão ao conteúdo, fazendo com que, dentro de cada seção, ele seja subdividido em parágrafos articulados com o texto como um todo;
- informações reunidas na parte do texto a que, de fato, pertencem;
- uma escrita que não lida com o risco das informações serem apresentadas de forma esparsa e, em determinados casos, de maneira repetitiva.

Você já ouviu falar em “controle na carga de conceitos”? No caso da educação a distância essa estratégia é necessária. Isto porque a experiência tem mostrado a importância de o autor de material didático para EaD preocupar-se em manter determinado nível de controle na carga de conceitos. Esse cuidado é exigido porque, nas mais variadas situações de aprendizagem, quando muitas informações são ensinadas ou apresentadas de uma vez, maior probabilidade de os alunos terem comprometida sua capacidade de assimilar bem o conteúdo abordado. Assim, cabe ao autor do material adotar estratégias, como as propostas por Laaser et al. (2007) para controlar a carga dos conceitos, visando trabalhar os três elementos explicitados a seguir, buscando a potencialização da aprendizagem dos alunos na EaD.

Quadro 4 – Elementos de controle de carga

Densidade de informação	Concisão e relevância da informação	Estímulo adicional
A EaD é uma conversação didática com os alunos, de forma que contribua para uma compreensão imediata dos conteúdos abordados. Isso implica partir do conhecido para o desconhecido, bem como apresentar palavras e conceitos novos de maneira cuidadosa, notadamente quando se trata de terminologia de natureza técnica. A densidade da informação pode ser também trabalhada por meio da apresentação de exemplos específicos nos quais os conteúdos comparecem.	Na prática, nem sempre o que precisa de aprendizado em determinado curso ou disciplina é obrigatoriamente agradável ou leve, tendo em vista que os conteúdos de cada área possuem especificidades que acabam por impactar a forma de abordá-los em um texto didático. Assim, devem-se evitar rodeios na exposição dos temas, para que não exista fuga do ponto central da questão. Uma forma de garantir a concisão e tornar relevante o conteúdo e abordá-lo recorrendo a exemplos associados às experiências	A EaD demanda uma conversação didática que corresponde a uma interação entre o material didático e os alunos. Para isso, é fundamental que o texto seja estimulante e oportunize momentos de reflexão. Outra opção é acrescentar no material escrito questões e atividades para o aluno pensar e fazer o que é proposto..

Com efeito, a adoção de estratégias como as sugeridas aumenta as possibilidades de melhor assimilação dos conteúdos pelo aluno. Paralelamente, evita que ele tenha a falsa sensação de que deverá dar conta de um volume excessivo de conteúdos expostos no texto-base que deverá estudar.

Outro cuidado importante para a produção de material didático para EaD diz respeito às variáveis de legibilidade linguística. Essa legibilidade diz respeito a palavras, verbos e frases que se deve evitar e outras que se mostram adequadas à escrita desse tipo de material (PRETI, 2010). Examine essas variáveis no quadro a seguir:

Quadro 5 – Variáveis que atingem a legibilidade linguística

	EVITAR	UTILIZAR
Palavras	– longas – abstratas – raras – instrumentais / técnicas – referindo-se a ideias – polissêmicas	– curtas – concretas – familiares – cheias de sentido – referindo-se a ações – com sentido constante
Verbos	– transformados em nomes abstratos – no pretérito – cortina de palavras entre sujeito-verbo – ausência de conectores linguísticos	– de ação – no presente – sujeito próximo ao verbo – conectores presentes (assim, também, quero dizer, em resumo, em consequência, ao contrário etc.)
Frases	– largas – pouco estruturadas – passivas	– curtas – bem estruturadas – ativas

Adaptado de Preti (2010, p.74-75)

Fique de Olho



“- Uma leitura reflexiva dá conta de 50 a 100 palavras por minuto (duas horas de leitura para uma unidade de 20 páginas, em média);

- Uma leitura lenta, que possibilite compreensão do texto, consegue, em média, ler entre 3 a 6 mil palavras por hora;

- Frases longas, tanto quanto as demasiadamente curtas, cansam. O

recomendável é de 10 a 14 palavras para cada unidade significativa de informação (de 50 a 70 caracteres).” (PRETI, 2010, p. 74)

Nos últimos anos, diversos estudos vêm sendo realizados sobre os princípios, fundamentos e cuidados na produção de material didático para EaD. No campo da Psicologia Cognitiva, alguns resultados de pesquisas têm convergido para a indicação de estratégias importantes para a concepção e produção desse material. Entre elas, destacam-se as seguintes:

Importante



A Psicologia Cognitiva corresponde a uma área do conhecimento preocupada em investigar como os indivíduos são capazes de perceber, aprender, lembrar e refletir sobre determinadas situações de sua vida. Dessa forma, estuda a relação entre os processos cognitivos e o comportamento dos indivíduos.

- Situar o conteúdo, contextualizando-o em seus aspectos históricos, conceituais;
- Recuperar material significativo desde o começo;
- Hierarquizar e ordenar o conteúdo;
- Apresentar o tema ou tópico central no começo;
- Destacar as ideias fundamentais (introdução, objetivos, esquemas, resumos, glossário);
- Simplificar a sintaxe e o vocabulário;
- Usar conectores que ressaltam as relações dominantes, ao nível da macroestrutura do texto;
- Recorrer a ajudas, pistas, sinalizações. (PRETI, 2010, p. 78)

Na produção escrita de material didático para a EaD também deve ser levada em conta a relação entre o número de páginas e horas de estudo.

Caro(a) cursista, esse é um ponto que não conta com uma regra geral, de caráter consensual

e definitivo, embora seja discutido com frequência pela literatura pedagógica da área. O que essa literatura recomenda é se recorra ao bom senso no estabelecimento dessa relação, considerando, entre outros elementos, a carga conceitual presente no material didático, a exploração de recursos diversos – como quadros e tabelas –, a inclusão de atividades para o aluno realizar etc.

Ao finalizar essa seção chamamos a atenção para outro cuidado importante na produção do material para EaD, o qual vem recebendo grande atenção nos últimos tempos: a citação correta das fontes. Quando isso não é adequadamente trabalhado, corre-se risco de plágio e autoplágio, nos termos definidos a seguir.

Plágio: é o uso de ideias, palavras ou qualquer outra propriedade intelectual pertencente a outras pessoas, publicadas ou não publicadas, sem o consentimento, permissão ou citação, apresentando-as como novas e originais, em vez de decorrentes de fonte conhecida. (WAME, 2004, p. 64).

Autoplágio: refere-se à prática de um autor em usar partes prévias de seus próprios escritos sobre um mesmo assunto em outra publicação, sem citá-las ou cotá-las formalmente. Essa prática é relativamente comum e, muitas vezes, não intencional. (COURY, 2012, p.v-vi.)

Como sabemos, existem diferentes maneiras de redigir uma mesma ideia ou abordar um mesmo conteúdo. Por isso, é importante que, mesmo quando cita uma obra de sua autoria, o conteudista faça a devida referência a ela, a fim de configurar situações de autoplágio, que devem ser evitadas na produção de qualquer material, seja ele de natureza didática ou não.

De acordo com Coury (2012), constituem exemplos de autoplágio:

- A utilização de uma mesma revisão de literatura de determinado tema em textos publicados em fontes diferentes, sem nenhum tipo de acréscimo ou de citação às produções anteriores do autor;
- O uso de dados resultantes de pesquisa transpostos para diferentes trabalhos sem sua devida contextualização teórico-metodológica na particularidade de cada trabalho produzido;

- A fragmentação de um mesmo texto em diferentes publicações, sem a devida citação do texto mais amplo que o originou.

Como o conhecimento é algo histórico e construído socialmente, um autor nunca parte do zero para produzir um texto, concorda? Por isso acaba sendo obrigatória a referência, em qualquer texto que se produz, das obras (fontes) nas quais nos baseamos para avançar em nossas próprias produções. Diversas razões podem ser apresentadas para isso, mas uma delas é fundamental: a necessidade de dar mérito aos autores citados em determinado texto. Agindo assim, ajuda-se a respeitar, inclusive, a lei que protege os direitos de autor – Lei n. 9.610, de 19 de fevereiro de 1998 (BRASIL, 1998).

Fique de Olho



Do ponto de vista técnico, as obras consultadas devem seguir o que é estabelecido pela Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT), órgão que, no Brasil, é responsável por esse tipo de normalização e cujo site para consulta pública é www.abnt.org.br.

Ao concluir essa unidade, esperamos que a discussão nela feita tenha contribuído significativamente para ampliar sua percepção sobre o papel do material didático nas relações educativas da EaD.

Aprofundaremos essa ideia na próxima unidade, porém em uma perspectiva mais prática, discutindo como produzir material para essa modalidade. Para tanto, apresentaremos recomendações para sua elaboração, acompanhadas de exemplos diversos. Até lá!

UNIDADE IV

RECOMENDAÇÕES PARA A ELABORAÇÃO DO MATERIAL DIDÁTICO PARA EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA

Prezado(a) cursista,

Veja como você já avançou na discussão da temática educação a distância!

Chegamos à quarta unidade de estudos e nela trataremos de algumas recomendações importantes para a produção escrita de material didático para educação a distância.

Nossa expectativa com a discussão feita nessa unidade é que, ao finalizar o estudo dela, você demonstre a apropriação de elementos teóricos e práticos de base que subsidiem a produção e seleção de material didático escrito para EaD, considerando suas especificidades.

Na perspectiva da articulação teoria e prática, ao mesmo tempo em que discutiremos as várias partes que compõem um texto elaborado para EaD, apresentaremos exemplos para ilustrar a discussão proposta. Essa é a principal razão da reflexão empreendida na unidade.

Ao analisar recomendações e exemplos práticos mencionados você poderá estabelecer relações com os temas discutidos nas unidades anteriores. Caso sinta necessidade, retorne a elas para consolidar, ainda mais, o seu aprendizado na temática de aprendizagem de material didático para a EaD. Afinal, a aprendizagem é algo acumulativo e você tem ampliado bastante seus conhecimentos a respeito!

De maneira semelhante ao que fizemos nas unidades anteriores, o conteúdo aqui abordado está organizado em três seções que correspondem, na realidade, à própria estruturação de um texto escrito em EaD:

- Elementos pré-textuais;

- Elementos textuais; e
- Elementos pós-textuais.

Vale lembrar que o estudo dessa unidade poderá levá-lo a encontrar alternativas que possam contribuir para que você produza materiais didáticos – ou aperfeiçoe aqueles já vem produzindo – preocupados, sobretudo, em fortalecer a aprendizagem dos alunos na EaD.

Como você vê, é instigante o conteúdo proposto nessa unidade.

Vamos, então, adiante!

1. Elementos pré-textuais

Como falamos, a opção pela organização dessa unidade foi por associá-la à própria estrutura de um material para EaD que geralmente conta com três grandes partes que, em última instância, organizam seus elementos em **pré-textuais**, **textuais** e **pós-textuais**. Como você já percebeu, são exatamente esses os títulos das três seções da unidade.

Iniciemos pelos elementos pré-textuais do material didático para EaD, os quais possuem a finalidade de organizá-lo e normalmente não são de responsabilidade do autor, mas da instituição que promove o curso ou oferta o módulo/disciplina. Todavia, isso não exime o autor, quando necessário, de fornecer informações básicas sobre o conteúdo. Geralmente, essas informações são organizadas pela instituição na revisão e editoração do texto.

Ainda que possam variar, dependendo da proposta do material didático, os elementos pré-textuais são basicamente os seguintes (podendo haver outros, se for a opção):

- Capa
- Verso
- Página de rosto

- Apresentação do programa (caso o texto esteja inserido em uma proposta mais ampla)
- Apresentação de curso, módulo, disciplina ou unidade
- Apresentação do autor – elemento importante e escrito em linguagem objetiva, clara e amistosa, que pode ajudar bastante a instalar um primeiro diálogo entre quem escreve e o aluno

2. Elementos textuais

Esses elementos dizem respeito, basicamente, à estrutura central do material didático, conforme detalhado a seguir.

a) Apresentação de um módulo, disciplina e unidade de estudo

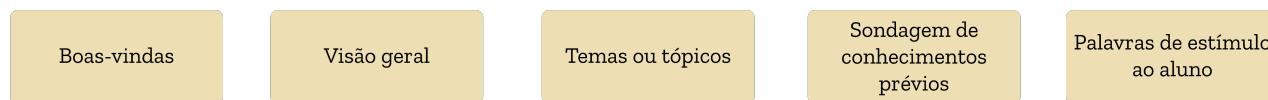
Como as demais partes do material didático, a **apresentação** de um módulo ou uma disciplina deve ser produzida recorrendo a uma linguagem dialógica, preocupada, sobretudo, em promover a interação do conteúdo com o aluno.

É importante que nessa apresentação o autor do material dirija-se ao aluno usando linguagem coloquial e direta, visando estabelecer, desde o início, uma relação de proximidade – apesar da distância existente entre ambos –, de maneira a instalar um clima de diálogo.

Os títulos para nomear essa parte do texto podem ser os mais diversos: **Conversa inicial, Abrindo nosso diálogo, Abertura, Carta ao cursista, Para começo de conversa** etc.

De maneira geral, a apresentação do curso/módulo ou da disciplina precisa se preocupar em contemplar basicamente elementos como os representados a seguir.

Figura 8 – Materiais úteis para o processo de aprendizado.



Reiterando a importância da linguagem dialógica na elaboração do material apresentamos a seguir dois exemplos de apresentação de uma disciplina – o primeiro é uma versão escrita sem levar em conta os princípios da EaD, enquanto o segundo os incorpora. Leia-os com atenção e procure perceber as diferenças existentes entre eles. Observe em ambos os textos elementos como a acolhida do aluno, a linguagem, a forma de se dirigir ao aluno, as palavras usadas... enfim, como a disciplina é apresentada para o aluno.

1ª versão:

A estatística é um conjunto de métodos para coletar, organizar, resumir, analisar, planejar experimentos, interpretar um conjunto de observações, para que se possa realizar a tomada de decisões. O objeto de estudo da estatística são os fenômenos aleatórios que representam as variabilidades dos dados dos fenômenos da natureza. Caracterizam-se por se repetirem, pelos resultados não serem os mesmos a cada repetição e por serem feitas várias repetições apresentando acentuada regularidade nos seus resultados [...] (PRETI, 2010, p. 79)

2ª versão:

Prezado estudante:

Bem-vindo ao mundo mágico da estatística, com seus números, gráficos, quadros, tabelas. Um mundo capaz de nos abrir os olhos para enxergar e tentar entender o intermediário que talvez exista entre o certo e o errado, ou possibilitar a discussão para entender cada um desses extremos.

Bem-vindo a um mundo onde a aleatoriedade dos acontecimentos não permite que se tomem decisões ou se façam afirmações sem antes analisar e avaliar dados numéricos colhidos em experimentos científicos, no caso de ramos das ciências como a medicina, a biologia e a química, ou em pesquisas sobre opiniões de pessoas ou de grupos sobre os mais diversos temas ou assuntos, entre os quais têm um forte apelo cultural aqueles associados a tópicos ambientais.

Tal crescimento é evidenciado pelo expressivo número de pesquisas e de publicações, bem como pela crescente atuação técnica de profissionais estatísticos e ambientalistas em atividades públicas e privadas que visam à elaboração de diagnósticos e análises de temas geoambientais e socioambientais.

Você já pode perceber, então, a importância da Estatística em seu curso e em sua formação profissional, pois ela tornará possível sua interação com o meio ambiente, ao estudá-lo e ao tirar conclusões a partir de dados coletados e processados. [...]

O que você pensou ao ter em suas mãos este fascículo de estatística? Sentiu algum tipo de resistência, imaginando se tratar de conteúdo difícil ou que nada tem que ver com sua formação como técnico [...]?

Não se preocupe. Isso é comum acontecer, pois, na escola, infelizmente criamos certo “medo” de disciplinas que trabalham com números, como se fossem uma espécie de bicho-papão, não é? Ou ficou curioso para saber de que trata a estatística e em que ela pode contribuir para sua formação? (PRETI, 2010, p. 80)

Você percebeu, por exemplo, como na primeira versão a preocupação do autor é logo definir e falar sobre a finalidade da Estatística, enquanto na segunda há preocupação em contextualizar esse campo do conhecimento, sua importância e utilidade para vida do aluno?

São várias as possibilidades de abertura do diálogo com o aluno, por meio de um texto

curto, coloquial e direto, visando instalar um clima de conversação e confiança na interação entre autor e leitor. As expressões indicadas a seguir são possibilidades para fazer a apresentação de uma disciplina.

Abrindo nosso diálogo, Abertura, Conversa inicial, Carta ao estudante, Palavras iniciais ao cursista, Para começo de conversa etc.

Vejamos agora um exemplo de abertura/apresentação de uma **unidade de estudo**.

Também escrita com uma linguagem clara, objetiva e precisa, essa apresentação tem como finalidades básicas:

- motivar e esclarecer o aluno sobre os estudos que ele desenvolverá (é preciso que o autor lembre que será produzido um texto científico, porém com linguagem dialógica);
- destacar a importância do conteúdo para a formação profissional e humanística do aluno;
- esclarecer como se dá a relação entre a unidade e o foco central do curso (se for o caso) ou, ainda, sua articulação com outras disciplinas no campo de conhecimento mais amplo;
- apresentar a estrutura da unidade, que pode ser por seções, partes ou tópicos.

Leia a seguir um exemplo de apresentação de unidade de estudos.

Para facilitar o seu estudo, esta unidade está estruturada da seguinte forma:

- Seção 1 – Conceitos fundamentais de Direito
- Seção 2 – Elementos de Direito do Trabalho
- Seção 3 – Direito e o mundo do trabalho
- Seção 4 – A Constituição Federal e a conquista da cidadania: os direitos do trabalhador brasileiro

Fique de Olho



É importante que a apresentação da unidade estimule o aluno para que ele acredite em sua capacidade de aprender e se sinta sujeito de sua aprendizagem, na perspectiva de torná-la significativa e promissora em relação a etapas subsequentes dos seus estudos.

b) Objetivos específicos

O segundo elemento a ser redigido corresponde aos **objetivos específicos** da discussão proposta. Afinal, em qualquer relação educativa, é fundamental que estejam claros os objetivos a serem alcançados – o que se aplica tanto à educação presencial quanto à EaD.

Para tanto, é importante associar o estudo do conteúdo às competências que se deseja que o aluno alcance, traduzidas em objetivos observáveis e utilizando expressões como: **"Esperamos que você seja capaz de...."**

Exemplos de verbos que podem ser utilizados na definição dos objetivos:

Justificar a importância da

Explicar os principais

Estruturar uma proposta

Fique de Olho



Uma unidade geralmente pode ter mais de um objetivo específico. Entre outros fatores, o que vai definir isso é: a extensão, a natureza e as relações que o conteúdo permite estabelecer entre os temas e subtemas que o compõem.

Também é importante sinalizar caminhos para o aluno articular melhor os objetivos com os conteúdos, como sugerido a seguir.

Visando o alcance dos três objetivos apresentados, procure relacionar os conteúdos estudados com a prática social mais ampla e a prática jurídica com a qual você lida no âmbito do(a) órgão/instância_____ (ou da sala de aula, se for o caso de docência).

Bom estudo!

c) Desenvolvimento do texto – tema e subtemas

Após a apresentação da unidade e dos objetivos específicos, é necessário abordar o conteúdo, considerando os princípios pedagógicos e cuidados discutidos nas Unidades 2 e 3, com vistas a alcançar os objetivos de aprendizagem definidos.

No início de cada seção – que pode variar em função do conteúdo abordado na unidade – é importante retomar o objetivo específico que se espera ser alcançado pelo aluno com o estudo que irá realizar. Veja um exemplo de como isso pode ser feito.

Seção 1 – Conceitos fundamentais de Direito

Objetivo: Justificar a importância da...

Nesta parte do texto cabe redigir dois ou três parágrafos com finalidades bem específicas:

- Situar para o aluno qual é o foco/tema da seção;
- Propor uma pergunta na perspectiva de sinalizar possibilidades de articulação entre o tema da seção e a prática social mais ampla ou ao campo de atuação profissional do aluno.

Fique de Olho



A proposição de uma pergunta precisa pressupor que ela tenha um sentido, uma relação com a discussão realizada. Caso contrário, ela assume caráter meramente retórico – o que deve ser evitado, visto que, quando isso ocorre, não é agregado valor algum ao diálogo a ser estabelecido entre o material didático e o aluno.

Apresentamos, agora, dois exemplos de como podem ser iniciadas uma **unidade** e uma **seção**, na perspectiva de instalar um clima de diálogo com o aluno.

Exemplo de abertura de unidade

Vimos na unidade anterior que o Estado, por meio do governo que está no poder, desenvolve políticas sociais redistributivas e compensatórias para “suavizar”, diminuir um pouco as desigualdades sociais presentes em nossa sociedade brasileira.

Esse papel do Estado vem se modificando, sobretudo a partir da década de 1970, quando o mundo passou

por uma crise econômica que acabou afetando o campo das políticas sociais e, conseqüentemente, aquelas relacionadas com a área educacional.

Por isso, nesta Unidade, conversaremos um pouco sobre as políticas públicas educacionais, especificamente aquelas voltadas para a Educação Básica. [...] (PRETI, 2010, p. 99 – grifos nossos).

Exemplo de abertura de seção

Na seção anterior estudamos que a linguagem utilizada em materiais didáticos para educação a distância precisa ser dialógica. Uma linguagem dessa natureza contribui para tornar mais fácil a compreensão dos conteúdos abordados. Considerando isso, analisaremos nesta seção alguns exemplos de textos de EaD construídos com esse estilo de linguagem, destacando os elementos que o constituem.

A natureza da EaD exige que, ao longo do material escrito, sejam adotadas estratégias didáticas variadas para tornar atraente e interessante a abordagem do conteúdo. Essas estratégias podem decorrer da própria experiência do autor do material e inserir, também, outras estratégias citadas a seguir:

- Textos
- Perguntas
- Atividades avaliativas
- Exemplificações contextualizadas
- Gráficos
- Tabelas
- Resultados de pesquisas
- Estudos de caso

- Situações problema
- Curiosidades

Outra estratégia importante é a inserção de perguntas/questões reflexivas ao longo do material didático, as quais precisam ser retomadas pelo autor no corpo do próprio texto, de maneira a não prejudicar a interação do aluno com o conteúdo. É importante que essas questões sejam formuladas visando atender três funções frente à discussão do tema eleito. Vejamos, a seguir, quais são essas funções.

1ª Função: Mobilização das concepções prévias dos alunos, buscando, ao mesmo tempo, promover a articulação teoria/prática

Exemplo de pergunta: Como vem se realizando/desenvolvendo ou sendo aplicado(a)_____ em seu ambiente de trabalho?

Caro(a) cursista, no caso de perguntas como essa é necessário retomar a possível resposta emitida pelo aluno, caso o *design* instrucional do material inclua atividades que se intercalam com o conteúdo. Isso se deve à necessidade de evitar que suas concepções prévias não sejam devidamente valorizadas e contextualizadas na abordagem do conteúdo. Porém, quando a opção do material é por não incluir tais perguntas ao longo do curso, é preciso retomar a questão no corpo do texto, considerando a abordagem do tema.

Vejamos um exemplo de como a resposta do aluno pode ser retomada no material didático:

É possível que ao refletir sobre a resposta para essa Atividade você tenha verificado que, atualmente, em seu ambiente de trabalho o/a _____ venha se manifestando/desenvolvendo por meio de estratégias que podem sinalizar para _____.

Na realidade, caro(a) aluno(a), no Brasil, há várias formas de expressão desse fenômeno, uma vez que _____.

2ª Função: Exploração do conteúdo abordado na perspectiva interna do texto

Esta função está associada diretamente à exploração do conteúdo, na perspectiva de fixar a aprendizagem do aluno. Por isso é importante propor questões, atentando, entre outros, para os seguintes elementos:

- O conteúdo abordado precisa fornecer, efetivamente, subsídios para a formulação da resposta da pergunta;
- O foco da atividade deve ajudar no desdobramento e aprofundamento do que foi discutido até a apresentação da pergunta.

3ª Função: Exploração do conteúdo abordado, na perspectiva de extrapolar a discussão realizada no texto, rumo à prática social mais ampla

Como anunciado em seu título, este terceiro tipo de questão reflexiva também exige sua articulação com o conteúdo estudado, porém abrindo possibilidade de sua articulação com outras fontes. Para tanto, é possível utilizar, por exemplo, estudos de caso, como o exemplificado a seguir, que aborda o tema **adoecimento no trabalho**.

"Ed Carlos (pseudônimo), 36 anos, divorciado, fez curso técnico de enfermagem com especialização em enfermagem do trabalho. Estava na empresa havia dez anos, quando foi demitido. Durante o exercício de sua função, caiu e fraturou a coluna com luxações em várias partes do corpo. Desenvolveu também alteração da pele conhecida por psoríase. Ed Carlos relata que sempre foi muito saudável, praticava esportes, nadava com frequência e aos trinta e cinco anos de idade entrou para a empresa, onde veio a adoecer. Exercia a função de auxiliar técnico de enfermagem e trabalhava sozinho no laboratório. Neste setor desempenhava funções de auxiliar de enfermagem, que consistiam em atender os acidentados de trabalho e

realizar curativos, fornecer e administrar aos funcionários as medicações prescritas pelo médico. Não dava tempo para fazer as refeições e também não tinha ninguém para revezar nos turnos.

Certo dia, passaram cera no piso e ele escorregou, caiu e feriu o ombro; como tinha muito serviço, “deixou a coisa correr”. Dois meses depois, caiu novamente e, a partir de então, começou a ficar muito nervoso no trabalho, porque as dores o incomodavam e dificultavam a execução de suas funções. Quando ele pôde ir ao médico e fazer alguns exames para investigar as lesões, foi diagnosticado que havia cifose crônica, escoliose, lordose e a perda de cinquenta por cento dos movimentos do braço; o ombro direito caiu, o que o impossibilitava de mexê-lo; e perdeu cinquenta por cento dos movimentos do pescoço, o que o impede de virar para os lados. Mesmo o ortopedista tendo indicado repouso, uso de aparelho e colete, ele ainda continuou trabalhando durante dois meses, pois era um tipo de gesso que usava no pescoço para imobilizar e manter a sustentação do corpo. Acabou por usar esse aparelho no período de setembro de [2008] até o fim do ano de [2015].

No fim do ano de [2008], por não ter mais condições de trabalhar, decidiu tirar licença médica para tratamento de saúde.

Na verdade, Ed Carlos conta que fez a comunicação de acidente de trabalho quando caiu e se machucou, mas a “empresa” rasgou os papéis e não deixou que desse entrada no processo. O médico do trabalho relatou o acontecido e solicitou cama para dormir e contratação de funcionários, mas foi tudo negado pela empresa. (SIMÕES, 2013, p. 79-80)

Na hipótese da opção por estudos de caso como o apresentado, é preciso explorá-los de maneira articulada com o conteúdo abordado. Após fazer isso, uma possibilidade de continuar a discussão no material didático é: **“Estudos de caso como esse e outros contribuem para...”**.

Relembrando, caro(a) cursista: paralelamente à apresentação de questões reflexivas como as exemplificadas, é necessário retomá-las ao longo das seções da unidade, em termos das respostas do aluno. Ao mesmo tempo, esse cuidado evita um distanciamento do foco da discussão e concorre para o alcance do objetivo proposto, após o estudo realizado pelo aluno.

Fique de Olho



Caso o material didático para EaD seja destinado à disciplina de um curso, é fundamental que a coordenação do curso oriente o conteudista a buscar pontes ou articulações com os conteúdos de outras disciplinas, visando uma atitude de integração na formação do aluno.

d) Finalização de seção

Na conclusão de cada seção da unidade, é importante uma breve síntese do conteúdo abordado e, dependendo do desenho instrucional do material, propor uma ou mais atividades avaliativas. Nesse caso, há necessidade de serem construídas, pelo autor, possibilidades de respostas para as atividades, visando oportunizar que o aluno faça sua autoavaliação.

Uma alternativa prática para a redação da síntese da seção é a criação de um *box*, que pode ser intitulado, por exemplo, "Para relembrar". Seu conteúdo pode ser redigido em três ou quatro parágrafos curtos e objetivos que resumam a discussão realizada no tópico.

Para relembrar

Estudamos nessa seção que ...

A discussão feita mostrou que ...

Como possibilidades do ... constatamos as seguintes ... Quanto às fragilidades, destacam-se ...

É importante que a discussão feita em cada seção da unidade e nesta como um todo não seja encerrada abruptamente, sem articulação com a seguinte ou, ainda, com o conteúdo abordado ao longo dela. Para tanto, deve-se retomar, ainda que brevemente, o que foi discutido, visando uma dupla finalidade:

- (i) ajudar o aluno a rememorar o que foi tratado, em termos gerais da abordagem feita;

- (ii) estabelecer relação com o que seguirá, na perspectiva de uma visão mais integrada e orgânica do curso/disciplina.

e) Conclusão da unidade de estudos

A finalidade deste item é apresentar uma rápida exposição sobre o conteúdo abordado na unidade de estudos, destacando sua contribuição para a formação pessoal e profissional do aluno. Paralelamente, é importante realçar o compromisso e a dedicação dele com sua formação continuada e desejar sucesso em seu percurso formativo.

Além da palavra conclusão, há outras sugestões de título para essa parte do material didático, as quais são mostradas a seguir.

Retomando nossa conversa, Finalização, Sinalizações provisórias, Palavras finais, Ponto de chegada, Conversa final etc.

No fechamento da unidade, o autor poderá optar por trabalhar os três elementos indicados a seguir, de forma combinada, ou apenas um ou dois deles, a depender do *design* instrucional do material didático.

- Realizar **síntese/resumo** da unidade, estabelecendo relação com aquela que a sucede, caso não seja a última do material. Nesse caso, o exemplo a seguir é bastante ilustrativo.

Chegamos, assim, ao final da primeira unidade. Certamente agora ficou mais claro seu entendimento sobre políticas públicas, que são ações adotadas por determinado governo para concretizar seu projeto de sociedade, buscando atender aos interesses e necessidades dos cidadãos. Elas contribuem para que a sociedade se organize ao redor de um projeto político, durante determinado período de tempo. (PRETI, 2010, p. 101)

- Propor **atividade** de avaliação da aprendizagem, abordando o conteúdo da unidade, no caso de esse tipo de atividade, como já ressaltamos, estar previsto no processo avaliativo do curso ou da unidade;
- Sugerir **textos complementares** que, assumindo formatos diversos, são acompanhados de comentários ou, ainda, filmes, vídeos, *links* etc.

Admitindo formatos variáveis, a conclusão da unidade pode ser feita com uma média de cinco ou seis parágrafos – ou um pouco mais –, porém contemplando a ordem descrita a seguir:

1. *Tecendo considerações finais do conteúdo e não o resumindo de maneira repetitiva;*
2. *Lembrando algo considerado fundamental na discussão feita e, ao mesmo tempo, estimulando o cursista a continuar investindo em sua formação continuada.*

Para ilustrar o que acabamos de apontar, apresentamos a sugestão a seguir:

Para finalizar, é importante lembrar que o Direito do Trabalho constitui uma área específica do campo do Direito [...]

Você também está assumindo este compromisso à medida que tem se esforçado em fazer um curso de qualidade e investido em sua formação profissional. Continue realizando seus estudos com dedicação! Sucesso!

Para finalizar as recomendações relativas aos **elementos textuais**, apresentamos outro exemplo de conclusão de **unidade**, mais ampliado, que pode também ser adaptado para concluir uma disciplina ou um módulo. Leia-a com bastante atenção:

Prezado cursista:

Chegamos ao final [da unidade], da caminhada que você realizou pessoalmente, e trocando ideias com outras pessoas que atuam em seu município, com seus colegas de curso e, ainda,

com seu tutor. [...]

Nós estamos aqui nos perguntando:

Será que tudo o que foi exposto [na unidade] foi significativo para o nosso interlocutor, que é você? Será que contribuirá para que sua ação seja mais consciente e efetiva nos programas do FNDE e no campo da educação?"

Só você pode responder.

Confessamos que, para nós, a experiência de escrever [essa unidade] foi significativa. Fomos levados a refletir mais sobre os caminhos que nosso país está seguindo, sobretudo no que diz respeito à educação de seu povo. Lemos textos novos, relemos outros antigos, passamos a nos inteirar mais dos programas do governo e, de maneira especial, os do FNDE. Aprendemos muito. [...]

Certamente, as mudanças não dependem simplesmente de um governo, de programas, de algumas pessoas. Exigem vontade política, compromisso social e implantação de novas práticas de gestão, de controle social, de inovações pedagógicas, oferecendo condições para a melhoria do ensino, entre outras ações.

Vamos, então, à luta. Seja teimoso como o menino Pedro Bala, líder dos Capitães de Areia, acreditando em seus sonhos, em possíveis mudanças, e cantando, com o cantor Geraldo Vandré, um trecho da sua música "Pra não dizer que não falei das flores" (1968):*

Quem sabe faz a hora, não espera acontecer.

Obrigado por ter estado conosco nesse início de conversa do curso de Formação Continuada nas Ações do FNDE, na modalidade a distância.

Esperamos ter realizado nossa parte a seu contento. (PRETI, 2010, p. 103-104)

Como você pode ver, há várias possibilidades de finalizarmos uma unidade ou uma disciplina. O importante é que a opção feita pelo autor seja desenvolvida observando os princípios para a produção de material didático escrito para EaD, que estudamos em várias partes deste Guia. Observado isso, podemos dizer que o "céu é o limite"! Portanto, ponha sua criatividade para ajudá-lo na produção desses materiais e vá em frente!

3. Elementos pós-textuais

Caro(a) cursista, esses elementos dizem respeito à dimensão técnica do material didático. Assumem papel fundamental na apresentação de subsídios para consultas que levem ao aprofundamento temático pelo aluno. Vejamos quais são eles.

a) Referências

As referências correspondem às fontes consultadas para a produção do material didático, devendo ser listadas apenas as que efetivamente foram citadas ao longo do texto produzido para a disciplina ou unidade.

Podem fazer parte das referências livros, artigos de livros e periódicos, artigos de jornais e revistas, entrevistas, bem como a legislação e os *sites*. Seus registros devem seguir o que disposto pela Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT).

b) Bibliografia/Textos comentados

É formada por textos de importância para o aprofundamento de questões consideradas fundamentais para melhor compreensão e aprofundamento da temática do curso, da disciplina ou unidade. Pode ter como fonte, por exemplo, livro ou capítulo de livro, periódico ou revista.

Na prática, é importante que se indique um ou mais artigos, ou capítulos de livros (disponíveis no formato digital), mantendo pertinência com a discussão feita no material. Deve-se ter o cuidado de evitar indicar textos que apresentem superposição de abordagens com o material didático, pois isso pode provocar o desinteresse do aluno.

Vejamos a seguir dois exemplos de bibliografia comentada.

DALLARI, Dalmo de Abreu. O que é participação política, 28.ed. São Paulo: Abril Cultural/Brasiliense, 2014 (Coleção Primeiros Passos, 2)

Esse livro propõe uma reflexão acerca do conceito de participação política e de suas várias formas de manifestação na sociedade, partindo do conceito de política. Reafirmando a ideia de que o homem é um animal político e que os problemas políticos são problemas comuns a todos os indivíduos, a discussão ressalta a participação política como dever e como direito dos cidadãos em sua relação com o Estado. Ao questionar a quem interessa o desinteresse político, o autor procura estabelecer a relação entre política, promoção humana e justiça social.

PRETI, Oreste. Produção de material didático impresso: orientações técnicas e pedagógicas. Cuiabá: UABUFMT, 2010.

Trata-se de Guia Metodológico escrito para profissionais que produzem materiais didáticos para serem utilizados na modalidade da educação a distância. O autor aborda questões teóricas e práticas sobre o processo de produção do texto didático, apresentando, paralelamente, orientações técnicas visando à estrutura e organização dos textos para educação a distância. O autor propõe, para cada conteúdo, exemplos para ilustrar a discussão feita a respeito, entre outros, da estrutura e dos cuidados para a elaboração desses materiais.

Duas são as principais razões para que essa bibliografia seja comentada: (i) apresentar referências básicas para o aluno sobre do que trata cada uma das obras indicadas; (ii) estimular e convencer o aluno a consultá-las, visando o aprofundamento temático.

Fique de Olho



Caso a opção do material seja por explorar os textos de referência por meio de perguntas, é preciso apresentar os parâmetros de respostas para essas perguntas no fim do material para que o aluno possa conferir e se autoavaliar.

O mesmo se aplica aos casos que optaram por apresentar atividades avaliativas ao longo do material didático.

c) Glossário

O glossário destina-se a apresentar termos cuja conceituação não pode ser desenvolvida no texto, mas que necessita da compreensão do aluno. É importante que cada palavra ou expressão do glossário seja marcada no texto, acompanhada de legenda específica e dos respectivos significados.

À semelhança do que se verifica em dicionários, sua organização é feita seguindo a ordem alfabética das palavras nele constantes.

Para finalizar a discussão feita nessa unidade apresentamos um exemplo de como pode ser construído o glossário de uma unidade de estudo – no caso, da disciplina Antropologia e Educação.

Quadro 5 – Exemplo de glossário a ser construído em um curso

TERMO	DEFINIÇÃO DO TERMO APRESENTADO	TERMO	DEFINIÇÃO DO TERMO APRESENTADO
Aurático	Diz respeito ao caráter de unicidade, singularidade e autenticidade da obra de arte.	Paradigmas	Estrutura de pensamento adotada para a explicação e compreensão de certos aspectos da realidade, construída e aceita por determinado grupo social.
Cultura erudita	Cultura produzida por estudos, pesquisas, análises teóricas e experimentações; pode ser associada, também, às artes, como pintura e escultura.	Racionalidade emancipatória	Utilização da razão visando à transformação das estruturas de pensamento vigentes na organização social.
Hermenêutica	Diz respeito à interpretação do sentido das palavras.	Racionalidade instrumental	Uso da razão com a finalidade de exercê-la, visando à reprodução das estruturas de pensamento vigentes na organização social.
Imageria	Recurso usado para se obter um efeito específico, como de ordem emocional especial ou cadeia de associações intelectuais.	Semiótica	Denominação usada para designar a ciência geral que estuda os signos linguísticos.

Concluimos o estudo de mais uma unidade – a penúltima do Guia!

Esperamos que as recomendações feitas para a produção de material didático para EaD e os exemplos práticos apresentados tenham contribuído para você exercitar sua compreensão crítico-reflexiva sobre as dimensões pedagógicas que envolvem essa produção.

Temos também a expectativa de ter demonstrado como o uso da linguagem dialógica favorece o processo de construção coletiva da aprendizagem na educação a distância.

Na próxima unidade estudaremos o tema avaliação na educação a distância, partindo da premissa de que o ato avaliativo deve fazer parte do planejamento de qualquer ação educativa. Até lá!

UNIDADE V

AVALIAÇÃO NA EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA

Prezado(a) cursista,

Chegamos à última unidade de estudos e nela trataremos de um tema que, por mais que seja debatido, continua sendo objeto de muitos questionamentos: a avaliação da aprendizagem. De fato, esse tema é de grande abrangência e complexidade, porém nossa opção em abordá-lo aqui está relacionada a três pontos: seu sentido, suas funções e relações com o campo da EaD.

Em decorrência dessa opção, a discussão está organizada nas seguintes seções:

- Sentido e funções da avaliação
- Avaliação e educação a distância: que relação é esta?
- Possibilidades de avaliação da aprendizagem em EaD

Leia com atenção o conteúdo dessas seções, procurando perceber que, devido à natureza da EaD, sua avaliação apresenta tanto uma base geral – aplicada a qualquer atividade educativa – e também especificidades que demandam um olhar diferenciado do professor.

Vamos, então, a este instigante debate!

1. Sentido e funções da avaliação

Você já parou para pensar como avaliar constitui um ato intrínseco à própria natureza humana, uma vez que a todo instante estamos avaliando determinado objeto, fenômeno ou processo? No dia a dia, cada um de nós está envolvido em diversas situações avaliativas. Porém, concebida e praticada de maneira mais sistemática, ela está baseada em conhecimentos didáticos

e pedagógicos, assumindo, assim, um caráter científico (SOUSA, 2006).

Iniciemos pelo sentido mais amplo da avaliação. Conceitualmente, avaliar significa emitir um juízo em sintonia com determinados valores e convicções, visando à tomada de decisão. Esse seu sentido faz com que ela não seja “um mero complemento do processo; é parte integrante e permanente da nossa ação pedagógica diária e precisa ser pensada como instrumento de redimensionamento dessa prática.” (LEAL, 2004, p. 30)

No âmbito da aprendizagem, a avaliação implica a coleta de informações sobre o percurso formativo dos alunos, valorizando seus progressos e adotando estratégias que retomem as experiências vivenciadas por eles, a partir da interação com os conteúdos estudados. Para dar conta desta tarefa, a avaliação assume diferentes funções, mostradas a seguir

Quadro 6 – Funções da avaliação da aprendizagem

FORMATIVA	SOMATIVA	DIAGNÓSTICA
· Ocorre durante o processo formativo, incluindo todos os conteúdos importantes de uma etapa de aprendizagem; · Fornece feedback ao aluno do que aprendeu e do que precisa aprender; · Apresenta feedback também ao professor, informando-o quanto às falhas do processo e aos aspectos da aprendizagem a serem modificados (objetivos, conteúdos, metodologia, recursos etc.); · Ajuda o aluno a aprender de forma organizada, contribuindo para que ele não acumule muita matéria para estudar de uma só vez; · Preocupa-se em atender às diferenças individuais dos alunos e a adotar alternativas de retomadas das falhas de aprendizagem; · Pode constituir fonte de motivação para o aluno, mostrando-lhe que atingiu ou quase atingiu o domínio esperado em determinada etapa da aprendizagem.	· Ocorre ao final de determinada etapa visando verificar o que o aluno efetivamente aprendeu; · Inclui conteúdos mais relevantes e os objetivos mais amplos do período de aprendizagem; · Visa à atribuição de notas e certificados; · Com relação aos cursos subsequentes, serve para determinar o ponto de partida do ensino para estimar o desempenho do aluno; · Fornece também o feedback ao aluno, informando-o quanto ao nível de aprendizagem alcançado; · Compara resultados obtidos com diferentes alunos, métodos e materiais de ensino.	Em um primeiro momento: · Verifica se o aluno possui determinadas habilidades básicas para a nova aprendizagem; · Determina quais objetivos de um curso foram alcançados, conforme suas características; · Encaminha alunos a estratégias e programas alternativos de ensino. Em um segundo momento: · Busca a identificação das causas não pedagógicas dos repetidos fracassos de aprendizagem, encaminhando, quando necessário, o aluno a outros especialistas: médicos, psicólogos, orientadores educacionais, psicopedagogos etc.

Quadro elaborado em Sousa (2017)

2. Avaliação e educação a distância: que relação é essa?

Na educação a distância, é importante que a avaliação seja encarada como uma possibilidade de comunicação que leve à construção de processos criativos e inovadores, pressupondo duas etapas no trabalho com os alunos:

1) assumir o paradigma do ensino centrado no aluno em oposição ao paradigma que centra o ensino no professor, superando os traumas e mágoas deixados ao longo do tempo, tanto pelos alunos como pelos professores; 2) compartilhar as ações do processo avaliativo entre os envolvidos, construindo critérios claros e em conjunto, propondo instrumentos que, para além de medir, verificar e classificar, informem e possibilitem uma troca, uma construção constante. (CERNY e ERN, 2001, p. 7)

Na consideração dessas duas etapas, é fundamental que os envolvidos com a EaD analisem as diferentes funções da avaliação da aprendizagem, apresentadas anteriormente, visto que elas não estabelecem entre si uma relação de oposição, mas de complementaridade. Devem também discutir os pressupostos e as implicações sobre o ato de aprender e ensinar, bem como os diversos procedimentos que podem adotar para avaliar as atividades dos alunos.

Nesse contexto, alunos, professores, conteudistas e tutores passam a lidar com situações de aprendizagem que exigem o uso de estratégias diversas e convergentes para a estruturação de um sistema integrado de avaliação para a EaD. Espera-se que o resultado disso sejam processos avaliativos bem planejados e desenvolvidos, capazes de focalizar e atender às necessidades evidenciadas pelos alunos em seu itinerário formativo.

Entre outros, três aspectos podem contribuir para a criação desse tipo de sistema, em uma visão formativa:

- Avaliação da aprendizagem dos alunos, dando-lhes retorno sobre seu itinerário de aprendizagem

e propondo alternativas pedagógicas que o retomem, quando necessário;

- Os registros do desempenho dos estudantes, considerando uma diversidade de instrumentos, bem como preservando coerência entre as dimensões qualitativa e quantitativa do processo avaliativo;
- A produção de relatórios periódicos sobre o desempenho individual dos alunos, acompanhado da indicação de estratégias que contribuam para a retomada do seu percurso formativo.

De acordo com Versuti (2004), a avaliação para EaD deve contemplar três linhas fundamentais de ação: a **autoavaliação**, a **avaliação pelos colegas** e a **avaliação do professor**. O uso conjugado dessas estratégias contribui para que a avaliação seja encarada como algo que faz parte do processo de ensino e, ao mesmo tempo, de aprendizagem para todos os envolvidos. Portanto, um processo de natureza formativa e colaborativa. Observe que é possível avaliar dentro um modelo pedagógico que valorize a interação entre todos os participantes do processo, que é orientado, nesse caso, pelos pressupostos da teoria sociointeracionista da aprendizagem, discutida na Unidade 1 deste Guia.

Na reflexão que estamos fazendo aqui, é importante lembrar que os instrumentos de avaliação devem ser definidos levando em conta diversos elementos, tais como:

- diretrizes pedagógicas do órgão ou da instituição que oferta curso, módulo ou disciplina;
- projeto pedagógico do curso, no caso de uma disciplina integrante de um curso;
- recorte teórico-metodológico do curso, módulo ou disciplina, quando for o caso;
- perfil dos alunos;
- competências que se deseja desenvolver nos alunos, visando sua atuação profissional;
- características do estilo de aprendizagem dos alunos.

Importante



Métodos quantitativos: utilizam mais instrumentos de medição – tabelas, gráficos, etc.

Métodos qualitativos: usam instrumentos mais abertos, por meio dos quais se procura captar relações, comportamentos, depoimentos etc.

Para finalizar esta seção, uma palavra sobre a avaliação do material didático para EaD. Ela deve acontecer tanto em relação à abordagem do conteúdo quanto à sua forma, desempenhando “papel de suma importância como instrumento sistemático de identificação, análise e correção de falhas no desenvolvimento de estratégias didático- pedagógicas.” (MERCADO e FREITAS, 2013, p. 539)

3. Possibilidades de avaliação da aprendizagem na EaD

De maneira bem resumida, apresentaremos nesta seção uma lista de possibilidades didáticas que podem ser utilizadas na EaD para avaliar a aprendizagem dos alunos. Tomamos como base, para isso, as contribuições de Preti (2010) para quem essas possibilidades podem ser categorizadas conforme são mostradas a seguir.

Quadro 7 – Lista de possibilidades didáticas

TIPOLOGIA	DESCRIÇÃO
Autoavaliação	Mais conhecidas e tradicionais, estão diretamente associadas com o conteúdo estudado – texto-base – e os objetivos de aprendizagem definidos, por exemplo, para o estudo de uma disciplina.
Atividades de processo	Aquelas pelas quais o material didático propõe ao aluno questionamentos, reflexões, exercícios, estudos de caso, resolução de problemas, coleta de dados, pesquisas diversas, simulações etc.
Atividades obrigatórias	Dizem respeito aos momentos em que o aluno mostra os níveis do seu aprendizado, obtidos após a realização da autoavaliação. Correspondem, portanto, a etapas formais da avaliação.

Os formatos dessas atividades avaliativas podem ser os mais variados e precisam ser escolhidos pelo professor/conteudista tendo em vista, entre outros fatores, os objetivos de aprendizagem, o perfil do aluno e a natureza dos conteúdos. Vejamos alguns desses formatos.

- **Atividades inseridas no próprio texto:** têm a função de provocar o estudante para refletir sobre determinado tema, mesmo antes de começar a explanação;
- **Atividades de consulta direta:** pede-se ao aluno que elabore, por exemplo, uma análise sobre um tema com base no que está sendo exposto;
- **Atividades argumentativas:** solicita-se do aluno que ele construa argumentos a favor ou contra determinado assunto, podendo recorrer (e citar), inclusive, a outras fontes;
- **Atividade de integração de informações:** leva-se o aluno a relacionar informações diversas;
- **Atividades práticas:** são desenvolvidas em algumas áreas e geralmente em laboratórios;

- **Atividades de transferência de domínio:** o aluno é colocado em uma situação nova e levado a aplicar conhecimentos recém-aprendidos;
- **Estudos de caso:** o aluno deve propor soluções ou alternativa viáveis para uma situação.

Caro(a) cursista, como sabemos, o tema avaliação é inesgotável. Aqui nossa intenção foi apenas chamar a atenção para o fato de que, no âmbito da EaD, é importante que ela seja concebida, realizada – e também avaliada – e focalizada nas especificidades dessa modalidade.

Por isso, ao finalizarmos essa unidade e, em consequência, o Guia, ressaltamos a importância de você continuar refletindo sobre os rumos da avaliação da aprendizagem na EaD, pois isso é importante também para você perceber novas possibilidades para produzir material didático para uso nessa modalidade. Agora é com você! Siga em frente!

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Caro(a) cursista,

Estamos concluindo o estudo desse Guia, e esperamos que a discussão nele realizada tenha ajudado na ampliação dos seus conhecimentos sobre a especificidade do material didático produzido para a Educação a Distância (EaD).

A discussão foi realizada com o propósito de contribuir para o aperfeiçoamento dos profissionais da Enfam responsáveis pela produção desse tipo de material para as ações formativas desenvolvidas pela referida Instituição. Nessa direção, focalizou, além de um olhar sobre teorias da aprendizagem, princípios pedagógicos, cuidados e recomendações para orientar a elaboração dos materiais em questão destinados a processos formativos na EaD, procurando articular a discussão teórica com exemplos práticos sobre o tema.

Ainda que, ao longo do Guia, determinadas ideias tenham sido recorrentes, perpassando as cinco unidades que o compuseram, gostaríamos de retomar duas questões consideradas centrais na produção de material didático para EaD. Uma delas é de caráter mais amplo e refere-se à especificidade desse material, considerando o público ao qual se destina. A outra diz respeito à interação que o mesmo material deve estabelecer com o aluno, levando em conta que ela é elemento constituinte da relação educativa que se deseja criar.

No que tange à primeira questão, podemos refletir a respeito dela a partir da pergunta que se segue: qual seria a diferença entre escolher o livro de determinado autor – facilmente encontrado em uma livraria ou biblioteca – e um material escrito respeitando os princípios e as especificidades da educação a distância? A reflexão dessa pergunta nos remete aos principais pontos discutidos no material, os quais você poderá retomar quando necessário.

Em relação à segunda questão, lembramos que a interação entre o aluno e o material didático se estabelece à medida que este último, além de prever o conteúdo científico de base para a formação do primeiro, deve antecipar grande parte das estratégias pedagógicas. Afinal, nunca é demais lembrar que o sucesso da aprendizagem do aluno é, em última instância, o sucesso do próprio professor, seja na educação presencial ou na EaD.

Lembramos, por fim, que a produção de material didático para a EaD demanda uma parceria capaz de criar uma relação de confiança, segurança e responsabilidades mútuas entre as partes envolvidas – o aluno e quem elabora esse mesmo material – no caso, você.

Agradecemos pela cumplicidade construída na leitura e discussão desse material! Agora, é com você!

Sucesso em sua trajetória com a EaD, bem como com sua formação continuada!

REFERÊNCIAS

- AMARILLA FILHO, Porfírio. *Educação a distância: uma abordagem metodológica e didática a partir dos ambientes virtuais*. Educação em revista. Belo Horizonte, v. 27, n. 2. p. 41-72, ago. 2011.
- ARETIO, Lorenzo Garcia. *La educación a distancia: de la teoría a la práctica*. Barcelona: Ariel, 2001.
- BELLONI, Maria Luiza. *Ensaio sobre a educação a distância no Brasil*. Educação e sociedade. Campinas, ano XXIII, vol. 23, n. 78, p. 117-142, abr. 2002.
- _____. *Educação a distância e inovação tecnológica*. Trabalho, educação e saúde. Rio de Janeiro, vol.3, n.1, mar. 2005, p.187-198.
- BRASIL. Lei n. 9.394, de 20 de dezembro de 1996. *Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional*. Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil. Brasília: Ano CXXXIV, n. 248, 23 dez. 1996, Seção 1, p. 27.833.
- _____. Lei n. 9.610, de 19 de fevereiro de 1998. *Altera, atualiza e consolida a legislação sobre direitos autorais e dá outras providências*, 1998. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L9610.htm> Acesso em: 15 set. 2017.
- _____. Decreto n. 9.057, de 25 de maio de 2017. *Regulamenta o art. 80 da Lei n. 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional*. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2017/decreto/D9057.htm> Acesso em: 10 set. 2017.
- _____. Ministério da Educação. Secretaria de Educação a Distância. *Referenciais para elaboração de materiais didáticos para a EaD no ensino profissional e tecnológico*. Brasília, 2007. Disponível em: <www.etecbrasil.mec.gov.br/gCon/recursos/upload/.../ef_materialdidatico.pdf>. Acesso em: 13 set. 2017.
- CERNY, Roseli Zen; ERN, Edel. *Uma reflexão sobre a avaliação formativa na educação a distância*. [2001] Disponível em: <<http://www.ici.ufba.br/twiki/pub/GEC/TrabalhoAno2001>> Acesso em: 18 set. 2017.

- CHARLOT, Bernard. *Relação com o saber, formação dos professores e globalização*. Porto Alegre: Artmed, 2007.
- COURY, Helenice J. C. G. Integridade na pesquisa e publicação científica. *Revista Brasileira de Fisioterapia*. São Carlos/SP: vol. 16 n. 1, jan./feb. 2012, p.v-vi.
- DAVIS, Cláudia & GROSBaum, Marta Wolak. Sucesso de todos, compromisso da escola. In: VIEIRA, Sofia Lerche (Org). *Gestão da escola: desafios a enfrentar*. Rio de Janeiro: DP&A, 2002, p. 36-51.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários a prática educativa*. 34 ed. São Paulo: Paz e Terra. 2006.
- LAASER, Wolfran et all. *Manual de criação e elaboração de materiais para educação a distância*. Brasília: CEAD, Editora da Universidade de Brasília, 2007.
- LEAL, Telma Ferraz. Intencionalidade da avaliação na Língua Portuguesa. In: SILVA, Janssen Felipe da; HOFFMANN, Jussara; ESTEBAN, Maria Teresa. *Práticas avaliativas e aprendizagens significativas em diferentes áreas do currículo*. Porto Alegre: Mediação, 2004, p. 19-31.
- McLUHAN, Herbert Marshall. *A revolução na comunicação*, 2.ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1971.
- MERCADO, Luís Paulo Leopoldo; FREITAS, Maria Auxiliadora Silva. Avaliação de materiais didáticos para educação on line dos cursos da UAB: perspectiva analítica e reconstrutiva. *Revista e-Curriculum*, São Paulo, n.11 v.02 ago.2013, p. 537-553.
- MOORE, Michael; KEARSLEY, Greg. *Educação a distância: uma visão integrada*. São Paulo: Thomson Learning, 2007.
- _____. *Educação a distância: sistemas de aprendizagem on-line*. 3.ed. São Paulo: Cengage Learning, 2013.
- MORAN, José. Contribuições para uma pedagogia da educação on-line. In: SILVA, Marco. *Educação*

on-line: teorias, práticas, legislação, formação corporativa. São Paulo: Loyola, 2003. p. 39-50.

NEDER, Maria Lúcia Cavalli. Material didático e o processo de comunicação na EaD. In: POSSARI, Lúcia Helena Vendrúsculo; NEDER, Maria Lúcia Cavalli. *Material didático para a EaD: processo de produção*. Cuiabá: EdUFMT, 2009, p. 17-33.

OLIVEIRA, Colandi Carvalho de. *Psicologia da aprendizagem*. Aprender a Aprender, vol.4. Brasília: UniCEUB, 2003, p. 68-149.

PEREIRA, Eva Waisros; MORAES, Raquel de Almeida. História da educação a distância e os desafios na formação de professores no Brasil. In: SOUZA, Amaralina Miranda de; FIORENTINI Leda Maria Rangearo; RODRIGUES, Maria Alexandra Militão (Org.) *Educação superior a distância: Comunidade de Trabalho e Aprendizagem em Rede (CTAR)*. Brasília: Universidade de Brasília, Faculdade de Educação, 2009, p. 28-43.

PIMENTEL, Nara. A modalidade de educação a distância: cenários e perspectivas. In: ROCHA, Maria Zélia Borba; PIMENTEL, Nara Maria. *Organização da educação brasileira: marcos contemporâneos*. Brasília: Universidade de Brasília, 2016, p. 391-424.

PRETI, Oreste. *Produção de material didático impresso: orientações técnicas e pedagógicas*. Cuiabá: UAB/UFMT, 2010.

QUINO, Joaquin Salvador Lavado Tejón. *Toda Mafalda*. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

SANTOS, Gilberto Lacerda. *Meios e materiais para educação a distância*. Módulo Integrado III. Brasília: Sesi-DN, 2011.

SARTORI, Ademilde Silveira; ROESLER, Jucimara. *Educação superior a distância: gestão da aprendizagem e da produção de materiais didáticos impressos e on-line*. Tubarão: Unisul, 2005.

SIMÕES, Fátima Itsue Watanabe; HASHIMOTO, Francisco. Adoecimento no trabalho: um estudo de caso. *Revista Laborativa*. v. 2, n. 2, p. 79-80, out/2013)

- SOUSA, José Vieira de. *Novos rumos da avaliação na escola*. Brasília: MEC/FUNDESCOLA, 2006.
- _____. Avaliação da aprendizagem e engenharia de construção de itens de múltipla escolha. In: RODRIGUES, Thérèse Hofmann Gatti; RAMOS, Wilsa Maria; BICALHO, Ruth N. Moraes. *Desenvolvendo múltiplos olhares do planejamento à execução de cursos on-line: a equipe EaD/ CFAI em foco*. Brasília: Instituto de Arte/Instituto de Psicologia/Faculdade de Educação da Universidade de Brasília, 2017, p. 37-57.
- VERSUTI, Andréia Cristina. Educação a distância: problematizando critérios de avaliação e qualidade em cursos on-line. *27ª Reunião Anual da ANPEd*. Caxambu/MG, 2004. Disponível em: <<http://www.anped.org.br/reunioes/27gt6/tl62.pdf>>. Acesso em: 23 mai. 2017
- VYGOTSKY, Lev Semenovitch. *Pensamento e linguagem*, 4.ed. São Paulo: Martins Fontes, 2008 (Coleção Psicologia e Pedagogia)
- WORLD ASSOCIATION OF MEDICAL EDITORS (WAME). Recommendations on Publication Ethics Policies for Medical Journals. *Archives of Medical Research*. 2004, n. 35, p. 61-7.

ANEXO II – APRESENTAÇÃO DO PROFESSOR

Professor Dr. José Vieira de Sousa

Currículo Lattes (resumo)

Graduado em Pedagogia (AEUDF, 1985) e em Letras Português (UnB, 1994). Especialista em Docência no Ensino Superior (CEUB, 1988), mestre em Educação (1994, UnB) e doutor em Sociologia (2003, UnB). Professor associado da Universidade de Brasília. Coordenador do Grupo de Trabalho Política de Educação Superior da Anped, entre 2013 e 2017 e líder do Grupo de Estudos de Políticas de Avaliação da Educação Superior (GEPAES) no Diretório de Pesquisa/CNPq. Participou do *Consortium Européen d'Ingénierie des Médias pour l'Éducation: territoires académiques connectés* (Université de Poitiers/France, 2014). Foi coordenador do curso de Mestrado Profissional Gestão de Políticas e Sistemas Educacionais da UnB entre 2011-2016. Na modalidade Educação a Distância (EaD), coordenou a produção do material didático do Programa de Formação de Professores em Exercício/Proformação (Ministério da Educação) e do Programa Formação de Professores para as Séries Iniciais do Ensino Fundamental – Projeto Professor Nota 10 (Centro Universitário de Brasília). Possui experiência na produção de material didático para EaD para ações formativas diversas, destacando-se: Programa de Capacitação a Distância para Gestores Escolares (Conselho Nacional dos Secretários de Educação), Projeto Veredas – Formação superior para professores (Secretaria de Estado de Educação de Minas Gerais), Ensino Médio Educação de Jovens e Adultos e Formação para os Funcionários da Educação – Profucionário (MEC) e para cursos de graduação e pós-graduação *lato sensu* na área de educação, além de ter atuado como tutor em diversos cursos EaD. Tem experiência na área de Educação, com ênfase em Política e Gestão da Educação/Avaliação da Educação Superior, trabalhando principalmente

com os seguintes temas: política educacional, educação superior, avaliação de planos, programas e projetos educacionais. Avaliador institucional e de cursos de graduação do Banco BASIS, do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP).

Maiores Informações podem ser obtidas pelo *e-mail* sovieira1@gmail.com.